

20 NOV 1990

214A



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
ANO II—N.º 62—LISBOA, 23 de JULHO DE 1942
PREÇO: 1 ESCUDO
UMA RAPARIGA DE AFIFE (Viana do Castelo), com seu traje de trabalho, na lida de verão que atinge o seu apogeu, agora, nos lindos campos minhotos.

O que me disse o Generalíssimo Franco quando o entrevistei, em Sevilha, sobre os objectivos e a marcha da Revolução Nacional

POR LEOPOLDO NUNES

Foi há seis anos. O general Francisco Franco de Bahamonde, herói das guerras de Marrocos, de cujo prestígio militar os políticos muito receavam, vivia em Las Palmas, numa comissão de serviço que era, no

fundo, um amável destêrro. A sua carta a Cazares Quiroga sobre a situação do Exército, escrita meses antes, causara grande alarme. Os políticos pressentiam a proximidade de um golpe militar. Para o afastarem desviaram de Madrid e de outros centros militares importantes os generais de maior notoriedade e prestígio entre as tropas. Franco fôra para Las Palmas. Queipo de Llano andava em inspecção, o que lhe permitiu, aliás, fazer as ligações para o movimento nacionalista. Mola vivia vigiado. Sanjurjo estava exilado em Portugal.

A acção de Manuel Azaña contra o Exército; as providências tomadas pelos governos, as perseguições, etc., — nada impediu a revolução militar, que, marcada para mais tarde, rebentou a 16 de Junho para se antecipar à revolução marxista.

A morte inesperada e trágica de Sanjurjo tornou chefe da revolução o general Franco, que fugiu de avião, de Las Palmas para Tetuão, onde o coronel Duque de Tella, com o «Tercio», iniciara o movimento. Em Marrocos teve Franco de vencer as dificuldades causadas pela traição da esquadra. Só a 8 de Agosto, quando já a passagem de tropas da zona marroquina para Algeciras se fazia regularmente, Franco desceu de um avião, no aeródromo de Tablada, em Sevilha.

No dia seguinte, eu e Felix Correia fomos entrevistá-lo, no palácio da marquezia de Andresi, às portas de Jerez, onde instalara o seu quartel-general.

Em vinte anos de profissão, entrevistei imperadores, reis, príncipes, políticos, sábios, artistas, burgueses. Pois nunca vi homem parecido com o general Franco. Pequeno de estatura, rosto menineiro; metido num fardamento simples, sem condecorações ou distintivos; afável e risonho, com dois olhos penetrantes, de um brilho singular, o general Franco revelou-se um conversador admirável e um esgrimista perigoso. Aparava os golpes com serenidade e respondia sempre e rápido. As suas declarações têm hoje um grande valor histórico. Por isso as recordamos para a «Vida Mundial Ilustrada».



«A onda comunista propagou-se de tal modo a toda a Espanha e ameaçou por tal forma destruir toda a autoridade e instituições tradicionais da Nação, que o Exército foi obrigado a iniciar um movimento salvador e redentor.» — disse-nos Franco mal lhe perguntámos a razão do movimento, que, aliás, bem conhecíamos.

Afirmou-nos depois que a revolução ia salvar também Portugal e a França, e que contava com a ajuda da África e da América do Sul.

— Qual é o carácter político do movimento?

— Eminentemente espanhol; e a sua significação inteiramente nacionalista, anti-comunista e anti-marxista. Tem ainda por fim restabelecer os princípios de autoridade, de paz pública e de cooperação entre os cidadãos.

— E no aspecto social?

— Considero junto manter eternamente as condições actuais, que, na medida das possibilidades económicas, das ideias modernas e do direito deverão melhorar, para se promover, no interior, uma paz firme e duradoura, sob a égide de um Estado forte, que faça respeitar a lei por todos, sem distinção de classes nem de categorias.

Depois de exaltar o apoio de Marrocos, Franco, com uma vivacidade estranha, afirmou:

— A Revolução caminha para o seu triunfo irrevogável e definitivo. As posições das forças revolucionárias melhoram constantemente, enquanto as possibilidades de resistência vão diminuindo do lado contrário. O governo de Madrid e os seus cúmplices estão perdidos. Por toda a parte as forças do Exército e as milícias levam a melhor, nos seus combates contra as hordas marxistas. Neste momento estão cortadas as comunicações. Madrid só pode comunicar com Valência, porque Badajoz ficou hoje isolada.

E com um acento de persuasão:

— Compreende... Não podia deixar de ser assim. Em Madrid e nas outras localidades que o Exército ainda não ocupou, quem manda já não são os governos que se têm sucedido, cada um deles sempre inferior ao que o antecedeu; são «comités» irresponsáveis, que combatem contra a Espanha. Por outro lado, não se trata de uma luta de ideias, mais ou menos defensáveis, mais ou menos respeitáveis, mas ideias, assim mesmo. Trata-se dum levantamento nacional, na mais nobre significação da frase.

— A revolução eclodiu no momento marcado?

— Não. Devia estalar apenas em Agosto. Precipitaram-se os acontecimentos por vários motivos. Em primeiro lugar, nada nos levava a ter a certeza de que alguns elementos hoje firmes o fossem amanhã. Depois, o trabalho de corrupção das células comunistas alastrava. Por último, chegou-nos a notícia de que, com a cumplicidade do governo de Madrid, se preparava também uma revolução, comunista, é claro. O Exército viu que não podia retardar o cumprimento daquilo que considerava o seu mais sagrado dever: salvar a Espanha! E lançou-se na revolta, plenamente confiado na vitória...

— Deram-se muitas defecções?

— Poucas e pouco graves, respondeu imediatamente o general. A Marinha estava profundamente minada pelos comunistas. Mas os soldados mantiveram-se fiéis à disciplina e obedeceram aos seus oficiais. Com essa fidelidade e com o entusiasmo das milícias nacio-

nalistas, a Revolução explodiu, na hora própria, impulsionada por uma força mais alta que as simples bondades humanas.

— Que forma de governo será adoptada?

— Para o início da realização do programa, a ditadura militar, à volta da qual se agruparão, de seu motu-próprio, todos os verdadeiros patriotas.

As opiniões dividem-se, quanto à vantagem das ditaduras de longa ou curta vida. Não podemos perder o magnífico ensejo que se nos oferece. E perguntámos:

— Ditadura a longo prazo?

— Na minha opinião, a ditadura deverá ser curta. A sua duração, porém, depende da resistência que ofereçam os organismos com funções especiais no regime nacional que servirá a nova Espanha. Logo que seja possível, o Directório Militar chamará a colaboração dos elementos que se lhe afigurem necessários. A administração será confiada a técnicos, não políticos, de modo a ser dada à nação a estrutura orgânica caracterizadamente espanhola, que lhe é imprescindível.

— A transformação espanhola adoptará os molles alemães, italianos ou portugueses?

— Aproximar-se-á, sobretudo, da portuguesa. Entre nós não existe a questão racista, mas a política será mais de acordo com as directrizes que guiam Portugal. Queremos que a Espanha se encontre a si própria, que o genio nacional crie o regime apropriado.

— Qual será a situação dos operários?

— O movimento não é contra eles e respeitará todas as leis sociais que se lhe afigurem justas.

— Sabe, general, que tem causado estranheza o emprêgo das forças marroquinas?

— Sei. Mas é uma estranheza que não tem razão de ser. As forças marroquinas são forças regulares. De resto, não as empregou o próprio Azaña contra o movimento de Sanjurjo, em 1932?

— Não haverá perigo de uma sublevação na zona marroquina?

— De modo nenhum. As forças marroquinas foram desdobradas e não há perigo de revolta, pois acorreram entusiasticamente ao primeiro chamamento.

— Tenciona tomar, em pessoa, o comando das tropas?

— Não. Ficarei aqui, embora tome a direcção das operações.

— Vão efectuar-se, decerto, importantes recontros?

— Não creio. Madrid há-de render-se pela fome e pela sede ou por qualquer revolta interna. O cerco impedirá a saída. Continuamos a esperar que muitos enganados acudam ao grito de Espanha. Agora, quero, acima de tudo, evitar mortes, pois é necessário utilizar o máximo de elementos para o trabalho que a Espanha reclama.

A uma pergunta nossa acerca das futuras relações entre Portugal e a Espanha, o general respondeu:

— Portugal e a Espanha são e serão irmãos pelo destino e pela história. As relações entre ambos serão as melhores possíveis, pois à Espanha convém-lhe um Portugal forte, progressivo, prestigiado como está, a fim de impedir as desordens marxistas. De resto, nós, os espanhóis, conhecemos a força moral que os portugueses dão sempre à nação amiga e vizinha, como agora sucede.

* * *

Assim nos falou o general Franco no dia 9 de Agosto de 1936. Daí a



NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA, efectuou-se há dias a Festa do Livro e da Leitura, iniciativa da F. N. A. T. e do Grémio dos Editores e Livreiros. Na foto, vê-se a sr.ª D. Maria Manuela Couto Viana recebendo das mãos do sr. dr. Manuel de Carvalho, representante da F. N. A. T., o primeiro prémio do recente concurso «Procura-se um romancista».



O SR. GUILHERME CARDIM discursando na festa comemorativa da fundação da União dos Grémios da Indústria Hoteleira e Similares do Sul. Na mesa da presidência, os srs. general Amílcar Mota e dr. Trigo de Negreiros, sub-secretário de Estado das Corporações.



O INDUSTRIAL sr. Guilherme Cardim com os jornalistas que assistiram à festa inaugural das novas instalações do União dos Grémios da Indústria Hoteleira

dias, na festa de la Virgen de los Reyes, em Sevilha também, Franco acedeu ao pedido de cem mil pessoas que lhe pediam a substituição da bandeira.

De Sevilha seguiu para Cáceres. O seu entusiasmo e confiança nunca sofreram quebranto. Muitas vezes lhe íalámos, a última das quais no Alcazar de Toledo, nessa hora dramática do seu encontro com os defensores heróicos do re-

duto. Seis anos vão corridos. Pode o tempo muito e muito mais podem os homens. Os acontecimentos precipitaram-se. A Espanha, batida duramente pelas repercussões da guerra actual, ainda não pôde reconstituir-se. Mas as afirmações posteriores de Franco e os seus estorços correspondem ao que nos disse nas horas incertas da revolução.

panorama internacional

No Górdio

por Francisco Velloso

SEM incorrerem em exagero, o principal facto político da oitava verificou-se em França. Antes da publicação da nota oficial americana, aqui reproduzida em seu contexto, reconhecendo de facto o Movimento da França Livre, o general De Gaulle fez ou conseguiu fazer com as organizações de resistência que actuam no interior do país, um pacto que unificou os objectivos políticos immediatos e mediatos de acção. Essas organizações, a quem se deve a actual agitação numa vasta amplitude, divididas em sectores ideológicos mais ou menos afins, e conglomeradas pelo laço de um patriotismo exacerbado na incude de uma intransigência que vai de cabeça alta para diante dos pelotões de fusilamento. Quem vai ras-

treando os sucessos e lê atentamente os textos, não ficou surpreendido ao encontrar, na declaração de Washington, os pontos básicos desse pacto — reposição do espirito, tradição e organização das instituições livres da França, escolhidas pelo povo — donde nasce a suposição fundamentada de que, por assim dizer, se aguardava além Atlântico a conclusão deste para estabelecer aquela, embora Willkie, em discurso pronunciado no dia 9 na «Casa da Liberdade», de Nova York, declarasse que independentemente do gesto do governo, já o povo dos Estados Unidos reconheceria De Gaulle e os seus homens «como verdadeiros representantes de um povo independente».

No dia 13, a Comissão Nacional dos Franceses Livres fazia publicar em Londres um comunicado de natureza nitidamente politica que consolida, no titulo do Movimento e na sua concepção, as conseqüências do mesmo pacto das organizações a que acima nos referimos.

A designação de «França Livre» é substituída pela de «França Combatente», e — acrescenta-se — o governo britânico concordou com os objectivos seguintes, fixados à acção dos incorporados nessas fileiras:

a) «A França Combatente» constitue a união de todos os franceses, onde quer que eles se encontrem, que estão dispostos a colaborar com as Nações Unidas, na guerra contra os inimigos comuns. É o simbolo da resistência às potências do «eixo» de todos os franceses que não aceitaram a capitulação e que, por todos os meios de que dispõem, procuram contribuir para a libertação da França pela vitória comum dessas Nações Unidas; b) «A França Combatente» é o órgão directivo que organiza a participação na guerra de todos os os franceses e de todos os territórios que com ela colaboram na guerra contra os inimigos comuns e representa os interesses deles perante o governo do Reino Unido.

Intencional fôra a publicação desta decisão nas vésperas da festa nacional francesa do Quatorze de Julho. A «França Combatente» integra já os franceses dos dois lados da Mancha e do império.

De Gaulle apela para o embaixamento de todas as cidades e manifestações patrióticas. Nesse dia, há, de facto, uma unanimidade francesa, mas torna-se evidente que a bandeira tricolor, uma vez agitada em mãos populares, tem um significado especial. Quando na Saboia, onde as Câmaras de Comércio, tentam um inquérito plebiscitário sobre a transferência da histórica província para o dominio italiano, e em

Lyon, junto do monumento ao grande Carnot, as manifestações elevam a voz e os gestos, a policia e a guarda móvel intervêm. Em Londres, a estátua de Foch é juncada de flores. Há dias que as «Komandantur» alemãs denunciaram uma nova onda de actos de sabotagem com estranha violência. «contra o exército de ocupação», diz um edital afixado em Paris, cujas determinações enchem o mundo de horror: 1.º — Os parentes próximos do sexo masculino em linha ascende, bem como os cunhados e primos com mais de 18 anos, serão fusilados. 2.º — As mulheres no mesmo grau de parentesco, serão condenadas a trabalhos forçados. 3.º — As crianças até aos 17 anos feitos, filhos dos homens ou mulheres atingidos por estas medidas, serão confiados a casas de educação vigiada».

Em Londres, André Labarthe podia escrever que estava criada a Quarta República — que uma mensagem do ministro dos Negócios Estrangeiros inglês Anthony Eden dirigiu ao povo francês, parecia consagrar oficialmente — verdadeiro concintamento a uma insurreição «contra o inimigo» e «contra os políticos que a Alemanha lhe impôs», compromisso público da «restauração da França como grande potência». Essa mensagem é positivamente agressiva. Se as pontes britânicas não estivessem cortadas com Vichy, deveriam ser assim consideradas como inexistentes a partir desse momento.

O CASO DE ALEXANDRIA



WILLKIE

Estes factos de carácter politico, no mais acção e na hora culminante da guerra, em que ressoam clamores pela abertura da chamada «segunda frente», não podem passar à mão salva de um anotador dos sucessos internacionais. Dir-se-ia (e ao leitor apresentámos aqui por mais de uma vez o equívoco perigosamente arriscado em que a politica dos Aliados cairia a este respeito diante de Vichy) que se confia a franceses o papel de restabelecer «as instituições livres da França» e que uma acção eventualmente desencadeada contra a Alemanha no ocidente teria necessariamente essa base e condição.

Perante tudo isto, Laval não ficou, porém, de braços cruzados. O marechal Pétain, insistia na suas aloçções durante uma curta via-

gem de visita a certas regiões, em que é necessário que mais operários vão trabalhar para a Alemanha. Quando a 13 chegou a Toulon o submarino «Glorieux» e o aviso «Diberville» que abandonaram Madagascar, por ordem do almirante, o governo insere o acontecimento como pretexto anti-britânico e anti-americano, quasi como réplica às vibrantes palavras com que o Presidente Roosevelt saudara a liberdade da França na festa nacional.

Na véspera os ingleses tinha noticiado a ocupação da ilha Mayotte, próxima de Madagascar, a 2 de julho, e Laval fazia lavar o protesto diplomático na capital dos Estados Unidos, onde o embaixador Henry Haye tentava ainda, durante a recepção oficial à colónia, fazer acreditar que a França, a despeito de tudo mantem as «suas amizades tradicionais, que mal entendidos não conseguiram prejudicar». Este esforço de recolagem não surtiu efeito. No dia 17, estava confirmado que não será provido o cargo do almirante Leahy junto do governo de Vichy, como embaixador, ali ficando apenas um encarregado de negócios.

O incidente «conflituoso», levantado em todos os navios de guerra surtos em Alexandria, ao agravar-se, acirrou estas crescentes inco-patibilidades.

A 26 de Junho, o governo de Laval dera ordem ao almirante Godefroy de que no caso dos ingleses evacuem Alexandria em face da ofensiva de Rommel, ele deveria conduzir os navios ao porto francês mais próximo. No dia 2, esta ordem era notificada ao governo americano, com a declaração de que, se nesse acto, os navios fossem molestados, se defenderiam por todos os meios. Em caso algum Godefroy seguiria os ingleses na sua retirada. Laval munira-se para tudo isto das prévias aprovações de Berlim e Roma. No dia 8, o encarregado de negócios norte-americano trazia a Laval a resposta de Roosevelt:

O Presidente propunha que os navios franceses fundeados em Alexandria fôsem postos sob a salvaguarda dos Estados Unidos, contendo-se, nesta medida, a passagem dos navios franceses pelo Canal de Suez para um porto combinado e asilo seguro e, em ponto afastado, enquanto durar a guerra, quer nos Estados Unidos ou em qualquer outra República americana, com a garantia da restituição dos navios franceses à França no fim da guerra. O Presidente era de opinião que esta proposta salvaguarda o interesse da França, «Se, todavia, este

Gengivas são

Dentes fixos, sem cárie e sem piorria



Só com PARGIL

(Produto medicinal)

e nunca com os dentífricos que, martelando na palavra «micróbios», não passam de banalidades falsamente medicinais de laboratórios de perfumarias.

PARGIL, com uma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metodicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara o alisamento o hálito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos. NAS FARMACIAS E DROGARIAS

oferecimento por parte dos Estados Unidos não for aceite pelo Governo francês, o Governo britânico, que dele está informado, teria naturalmente justificação se desse ordem aos navios franceses para atravessarem o Canal de Suez, e se esta ordem não fosse atendida, teria a justificação para proceder à destruição desses navios, a fim de evitar que caíam nas mãos do inimigo.»

Laval considerou a proposta inaceitável e pediu a sua revisão; voltou o diplomata no dia 5, confirmando que a declaração presidencial fôra efectivamente redigida antes de recebido o memorando francês do dia 2, mas que valia praticamente como resposta a dar-lhe. E no dia 11, Roosevelt ainda formulou uma variante: — Se o Governo francês consentisse que os navios franceses que se encontram em Alexandria retirassem pelo Canal de Suez, o Governo dos Estados Unidos, de acôrdo com o Governo britânico conceder-lhes-ia passagem livre até à Martinica, onde seriam immobilizados enquanto durar a guerra, nas mesmas condições dos franceses que se encontram actualmente em Port-de-France, com a garantia de que no fim da guerra serão restituídos ao povo francês.

Paul Marion, secretário da propagação de Laval, revelava que os Estados Unidos estavam plenamente de acôrdo com Londres em que os navios de guerra franceses não passariam a mãos alemãs. A reacção da modalidade oferecida pelo presidente, fechou a questão: se as forças de Rommel ameaçarem Alexandria, os navios serão destruídos; ou os ingleses os afundarão para evitar a sua queda em poder dos alemães ou as tripulações os meterão no fundo, para evitar que os ingleses os retirem.

AS PORTAS DO EGITO



LAVAL

Interessante é, no entanto que, se no dia 2, ainda era licito admitir-se e Laval como ninguém, devia sabê-lo — a realização da ameaça alemã sobre Alexandria, a 9 e até hoje, 17 já Auchinleck e Rommel não fazem movimentos que deixem supôr possível sequer que essa ameaça seja possível como acto fulminante. Naquelle dia já o general inglês recebera importantes reforços. Na véspera uma reacção afastava para oito quilómetros a oeste de Alamein as colunas alemãs que perdiam a estação ferroviária de Teeleisa. A velocidade e o volume dos abastecimentos governavam o destino dos dois contendores. A 13, a R. A. F. vencia um numeroso grupo de Junkers que transportavam tropas para Rommel. Só a 17, as duas frentes, sob o domínio incontestável das asas britânicas começam a assinalar empreendimentos mais rijos mais parecendo — quer na disputa das escarpas que os neozelandeses bravamente defendem ao norte, quer nos ataques e contra-ataques ao centro e sul da frente, que os dois adversários se medem de alto a baixo, antes de se arrojamem um contra o outro.

As perspectivas no Cairo desafogam-se. Nahas Pachá tem tempo para limpar o partido «Walid» de recalitrantes, e a eminência de um perigo sobre Alexandria dilue-se, embora o inimigo continue a menos de cem quilómetros. Ao abrir da

última reunião do Conselho do Pacifico, o representante da Nova-Zelândia dizia quasi sibilantemente aos jornalistas que se Rommel soffera uma grande surpresa, em breve, talvez nas próximas semanas, haveria outras para os alemães.

A guerra em África é acima de tudo, como opinou o almirante Cunningham, uma guerra de transportes quanto aos meios, e depois que Malta resistiu aos assaltos violentissimos da aviação do general Kesselring, que vem agora para junto de Rommel, tem por objectivo o aniquilamento do adversário. O papel primordial da aviação britânica, coadjuvada por inúmeros submarinos americanos e ingleses que, segundo informações espanholas, chegaram ao Mediterrâneo, manifesta-se, por exemplo, nos ataques a Tobruk, Marsa Matruh e El Daba, caracterisa por isso mesmo as operações na sua fase actual. O incidente provocado por Laval traduz, pois, apenas, por um lado um caso de prevenção, e por outro um novo factor da sua politica de coordenação com Berlim e Roma cuja vitória elle deseja, como não pode deixar de ser porque dela depende a sua sobrevivência politica.

UMA QUESTÃO VITAL



GOEBBELS

Os sucessos da África do Norte prendem-se no entanto de cada vez mais ao plano geral dos vastos empreendimentos do estado-maior alemão, sempre fiel à regra de nunca ficar aquém das suas possibilidades.

Nesta balança o prato da campanha a leste oscila com o da campanha no norte de África. Entre um e outro fica o maior dos problemas: — o das reservas alemãs que, pode dizer-se, já domina toda a guerra. Ao estudar, com percuciente lucidez, as operações na primavera, um autorisado comentador francês cujo parecer damos a titulo de esclarecimento, escrevia: «Há um ponto em que a posição da Alemanha é inteiramente diferente da dos Aliados e especialmente dos anglo-saxões. Na primavera de 1942, a Alemanha faltam reservas. Tudo está comprometido nas frentes. Não há possibilidades de compensar perdas ou reparar derrotas. Já não estão as batalhas em causa, senão toda a guerra. Os anglo-saxões, ao contrário dispõem de imensas reservas que começam a fornecer. E desde então, a regra da acção está indicada por si mesma: — impôr à guerra, uma tensão suprema de vontade, carácter de acção continua, não deixando aos alemães um só dia de descanso.»

Retirem-se destas expressões de um técnico de alto valor o que parece mais rígido, e ainda ficará ao leitor muito para lhe servir de elemento de apreciação dos factos que, nesta conjuntura crucial do conflito, jogam sobre aquele problema de reservas, quando as potências do Eixo, por meio de uma preparação a fundo e da sua capacidade de levar as forças disponíveis aos pontos exactos das batalhas, mantêm ainda a superioridade preciosa da iniciativa.

Com estes dois factores em acção aparecem as últimas fases da batalha a leste. Desde o dia 10, a ofensiva alemã, após a chegada de Von

Kleist ao Don, em vez de se projectar para leste de Voronej, esbarra aqui com a resistência russa e desce para o sul ampliando a frente de ataque. A occupação de Rossosh, de Lisiansk, de Vorochilovgrado, segue-se, com divisões de reforço em parte tiradas das sobras da campanha da Crimeia, o ataque a Rostov, lançado do norte, a 60 quilómetros, e por Tangarog. Então, Timochenco (que, desde o principio da batalha, dá, de cada vez mais, a impressão de que está executando um plano-estabelecido para a hipótese) executa uma retirada em ordem, mordendo de desgastes o adversário, para posições que as informações indicam distribuidas sobre o Don. No dia 14, o tom geral do pleito é dado com viva claridade por dois textos alemães que logo revelámos nesse mesmo dia na imprensa.

O «Frankfurter Zeitung» desdobrava assim as perspectivas politico-económicas do êxito alemão: «Na medida em que humanamente é possível prever, em face dos acontecimentos, pode dizer-se que neste outono a sorte terá sido lançada. Milhões de homens sabem — sublinha — que a guerra terá, senão terminado, pelo menos sido decidida nas semanas e meses que se aproximam. Então a Alemanha poderá voltar-se com todas as suas forças para oeste.»

Na Alemanha, não havia, porém, como não havia na Russia, neste momento a certeza de um premio dos sacrificios colossais feitos nesta batalha de titans.

O «Schwarzkorps», o órgão official do Corpo de Tropas da Guarda Negra, põe — tal como Goebbels fazia prudentemente há dias — de sobreaviso o povo alemão: «Os russos dispõem duma vantagem que é a de um território quasi limitado. Esta circunstancia exclue operações que resultem no completo aniquilamento e as próprias acções de cerco são apenas parciais. O inimigo tem ainda bases e homens para resistir.» E os preparativos para uma campanha de inverno continuavam a fazer-se na Alemanha, exactamente como Hitler exigiu. A imprensa russa, por sua vez, não perdia um momento a clamar o maior alarme, dizendo que «agora só a coragem pode evitar que o inimigo penetre mais fundo nas linhas».

Mas na evolução da campanha, dia por dia, hora por hora, ficam as perguntas: — a que profundidades vai o desgaste alemão? a que profundidade vai o desgaste russo?

O EIXO DO «EIXO»



TIMOCHENCO

Eis o nó górdico. A 15, o informador official de Berlim observa: «Torna-se cada vez mais claro que Timochenco está a adoptar uma nova tactica, preferindo realizar uma retirada geral a arriscar ser apanhado a oeste do Don. Mas as principais massas dos seus exércitos continuam a ser encontradas dentro da grande curva do Don e em volta do sul do Donetz, apesar das suas posições aqui estarem seriamente ameaçadas pelo nosso avanço. Vários observadores militares inclinam-se a pensar que os russos julgaram melhor reorganizar os seus recursos durante as primeiras fases da batalha não tencionando oferecer a máxima resistência antes de atingirem certas posições defensivas preparadas, que se encontram prontas em frente das nossas tropas.»

Os russos sentem que diante de um adversário constantemente reforçado, elles «lutam isolados». Timochenco deve estar a dar agora as melhores provas da sua indiscutível arte de chefe. Mas há um sintoma a sublinhar: no momento de maior esforço germânico (todos dizem que a batalha do Don decidirá) rebóam na periferia os brados de uma segunda frente. O secretário russo da Propaganda, Alexandrov, dava-os a 14. No dia 17 de Washington, a Reuter informava: «Aumenta a pressão diplomática russa para a abertura de uma segunda frente na Europa, à medida que o avanço alemão é mais profundo no território soviético. Embora a abertura de segunda frente envolva grandes riscos, os russos sentem que esses perigos têm de ser corridos.»

E, como la dizendo e agora repito: — o problema continua a ser c mesmo.

A BOIA DE SALVAÇÃO!

PETROLEO QUIMICO NALLY

Uma applicação diária e — a queda do cabelo sustar-se-á! — a caspa desaparecerá! — o cabelo andará macio e domável! — a cabeça ficará suavemente perfumada.

EMINENTES MÉDICOS USAM-NO E RECOMENDAM-NO

Vida MUNDIAL

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

TENHO sempre na memória certa carta escrita por João Chagas a um seu amigo literário acerca do mau-humor. O mau-humor — nota-o Chagas — é, em boa análise, o resultado de causas remotas e recônditas que perturbam as sensibilidades nas circunstâncias mais engenhosas. O mau-humor é uma coisa evidente: entretanto, muitas vezes, não lhe encontramos a causa. Porque estamos mal humorados? Há ocasiões em que precisamente o não sabemos. «Deve ser fígado!» — eis um desabafo patológico. Na maioria dos casos, porém, esse desabafo não consegue explicar o inexplicável. No fundo da alma mais pura e mais cristalina — afirma o psicólogo — há, com frequência, um depósito, como no fundo das garrafas. Será o mau-humor esse depósito que se agita, turvando o melhor nectar? Ninguém o saberá dizer. Curioso é que a origem do mau-humor é, em regra, diferente daquela que se lhe atribue. Como quer que seja, a verdade é que o mau-humor, esse verde e bilioso mau-humor que se espelha na nossa cara, coisa alguma resolve na existência e, por nosso mal, complica tudo. Lutemos, pois, pelo bom-humor acima de tudo. Façamos do bom-humor a nossa bandeira — e uma das nossas virtudes. Razão tinha aquele sábio sacerdote que considerava o mau-humor o oitavo pecado mortal.

O GENTILHOMEN AMBICIOSO

UM gentilhomem do tempo de Luiz XIV tinha desmedidas ambições. Uma tarde, o soberano perguntou-lhe:

- Sabes espanhol?
- Não, sire.
- Tanto pior para ti...

O fidalgo convencido de que Luiz XIV teria pensado em o nomear embaixador em Espanha, deixou-se afinadamente ao estudo do espanhol. Quando já o falava correctamente, comunicou-o ao rei.

— Excelente! — disse este — Agora já podes apreciar o D. Quichote no original...

NÚMERO

NUM recente exame de geografia, o examinador perguntou a um aluno:

— Onde fica Cette?

O aluno pensou um momento e respondeu, ainda que numa vaga hesitação:

— Fica entre o 6 e o 8...

COMPLEMENTO

NUMA engraxadaria do Chião vimos há dias, engraxando os seus sapatos, o nosso illustre colega Mário Rocha, do «Século Ilustrado». Era o único lustro que lhe faltava:



Chegando ao nó vital da confiança. Contou-me: — «Apenas o senti na boca. Não sei que frenesi ou que inocência Se apoderou de mim, que, num segundo. Bebi-o todo, numa ânsia louca, E fui o homem mais feliz do mundo!

Depois pensei, pensei enfim Que fui talvez um pouco exagerado Ao sorver aquele nectar doirado. E um Stuart não procede assim...»

E eu confesso que ao ouvir aquilo Lhe respondi, sorrindo, desta arte: — Sim, talvez, não sejas um Stuart Mas és um português... de velho estilo!

(Do livro Sol-Mósto, sátiras de J. Saraiva)

BERNSTEIN

O autor do Israel, cuja reprise, na tradução de Norberto Lopes, acaba de fazer-se no Trindade, teria dito uma vez, numa expressão digna dum judeu:

— Peçam-me tudo; mas não me peçam dinheiro que é uma das melhores recordações que guardo das minhas peças...

RAMADA CURTO

ENCONTRAMOS, há dias, Ramada Curto, nosso querido amigo, no elevador de Santa Justa, subindo para o Carmo, — Sempre a subir! — dissemos-lhe.

Logo êle, rindo: — Como todos os géneros de primeira necessidade!

CHABY, SUCESSORES

O reportório de Chaby continua a suggestionar as nossas empresas. Depois do Conde Barão (que abriu a série), vieram sucessivamente O Leão da Estrêla, Cama, Mesa e Roupa lavada, Sua Alteza — e já se anuncia O amigo de Peniche. Se se pretende apenas, materialmente, viver da auréola que ainda perdura à volta do seu nome, poderá perguntar-se a quem pertence essa auréola: se a êle — se aos seus sucessores?

LITERATURA

DIZ-SE que o editor Augusto Sá da Costa adquiriu a «Bernard», casa de brinquedos do Chiado, para instalar uma livraria. Seguindo a tradição da casa, decerto Sá da Costa dedicará-se à literatura infantil...

REGISTO LITERÁRIO

A Calcada da Glória regista e agradece Miquelina, rapariga moderna, curioso volume de Augusto da Costa em que passa, sob múltiplos aspectos, uma mulher tudo quanto há de mais século XX; a 2.ª edição do Direito de viver de João Amaral Júnior, escritor para quem o único repouso é o trabalho; um sugestivo estudo de Rebelo de Betencourt acerca de Teófilo Braga; e um opúsculo de Octávio Rodrigues de Campos, Na fonte de Hipocrene, análise da obra literária de João Maria Ferreira e na qual este poeta surge com as suas barbas, a sua lira e os seus versos.

A MEDICINA

GUSEPPE Lientaud, célebre médico de Luiz XVI, exclamava ao morrer para o sacerdote que, junto dêle, o predispunha para a grande viagem:

— Eu acredito, neste momento, em tudo — excepto na medicinal!

RAZÃO DE SER

O pintor Duarte de Almeida, cujo talento é tão evidente como a sua modéstia, dizia-nos uma tarde destas:

— Se para desenhar figuras é preciso saber anatomia, para desenhar paisagens devia-se saber botânica...

CURA DE REPOUSO

TEMOS um amigo que, não podendo ir para fora, chega a esta época e compra uma colecção de postais de várias terras. Este ano comprou êle uma série de fotografias da Serra da Estrêla — para fazer a sua cura de repouso...

CALOR

COM o calor que está dou hoje esta página por terminada... Não posso mais!

UMA PÁGINA DE LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



Imagens pitorescas do MUNDO

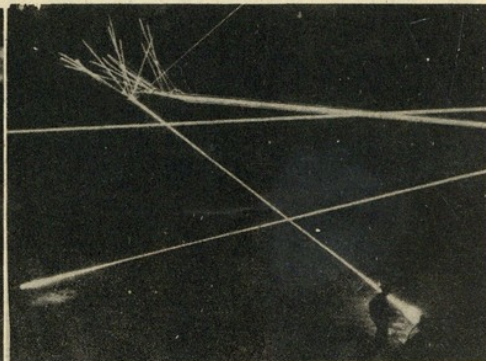


GRACE E PAUL HARTMAN que vemos à esquerda numa estranha dança, são os bailarinos burlescos mais populares da América. O seu êxito provém da simulação que fazem de contínuos acidentes durante uma dança séria.



A MANEIRA PRÓPRIA DE BEIJAR — Aqui têm, leitores, o que, na opinião de dois «técnicos», constitui a verdadeiro «beijo correcto». É preciso dizer que se trata de Grant Taylor e Mary Sinclair, dois professores duma escola de interpretes de cinema, que fazem uma demonstração aos seus alunos. Costumam êles explicar aos candidatos a «estrelas» que há uma diferença essencial entre o beijo dado em particular, sem testemunhas, e o que se dá no cinema para o público ver. No primeiro caso, os protagonistas só se importam com aquilo que sentem, e podem fazê-lo como melhor entenderem, mas no beijo do cinema há que contar com a impressão que isso causa nos espectadores. Já tinham reparado nisto?

ANN MILLER, simpática actriz de cinema, apareceu-nos há tempos em dois filmes musicais «Hit Parade of 1941» e «Melody Ranch» com Gene Autry. Na altura, os críticos acharam que ela não sabia cantar. Ann Miller lembrou-se então de que tinha umas lindas pernas e fêz-se bailarina. Desta vez, agradeu — como se prava pelos documentos juntos...



EFEITOS PIROTÉCNICOS DAS ARMAS DE GUERRA — No tiro nocturno, empregam agora as metralhadoras, para correcção de pontarias, balas luminosas. A foto mostra-nos o curioso efeito dum tiroteio sobre alvos fixos. De três em três balas, sai do cano da metralhadora uma luminosa que deixa marcada a sua trajectória no espaço.



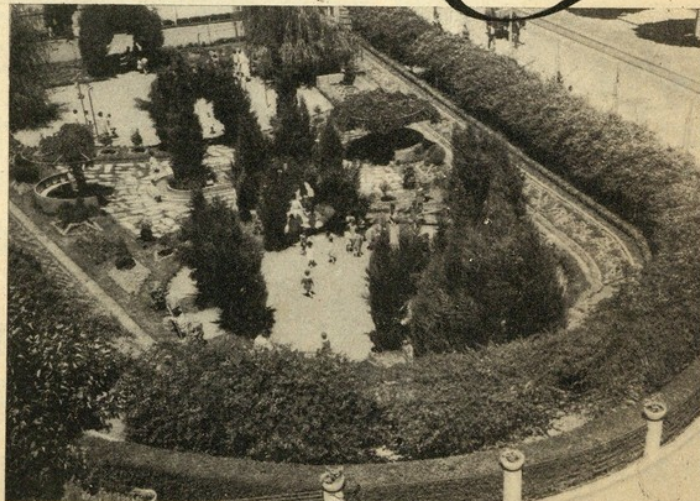


«UMA OBRA SOCIAL NAS BEIRAS» — assim se intitulou a exposição recentemente inaugurada na Sociedade Nacional de Belas Artes. A «Casa das Beiras» teve a feliz idéia de mostrar a Lisboa um precioso documentário sobre a obra social realizada pela Junta Geral do Distrito e, mais tarde, pela Junta de Província da Beira Litoral, organismo que, sob a direcção do prof. dr. Bissacia Barreto, tem realizado uma obra que pode considerar-se notável. A iniciativa merece os melhores louvores, pois o certame constitue um exemplo magnífico que merece ser seguido em todas as províncias de Portugal. A obra efectuada por aquela Junta de Província e agora tão expressivamente apresentada na exposição que o architecto Cassiano Branco dirigiu artisticamente, é desconhecida de muitos portugueses, apesar de já hoje prestar serviços incalculáveis e de ter salvado da morte alguns milhares de seres. Por isso, despertou interesse a exposição da Rua Barata Salgueiro, diferente de todas as que se têm realizado na «Casa dos Artistas». «Vida Mundial Ilustrada» arquiva nestas páginas alguns aspectos daquela obra de assistência agora patente ao público.



UMA GRANDE OBRA PORTUGUEZA

BRANCOAS de hoje Homens de amanhã



o «Ninho dos Pequenos de Coimbra».



Os monumentos do «Portugal dos Pequenos».

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo VII - Os Balcãs em fogo

2

A CAMPANHA DA ALBÂNIA

A guerra ítalo-grega pode considerar-se dividida, sob o ponto de vista das operações militares, que acompanharam de perto as negociações políticas da maior importância que então tiveram lugar, em três fases: a primeira, correspondente ao avanço italiano em território grego que culminou com a batalha de Pindo, abrange o período que vai de 28 de Outubro, data em que se iniciaram as hostilidades, até ao fim da primeira quinzena de Novembro; a segunda, caracterizada por uma forte reacção do exército grego que penetrou profundamente em território albanês, foi de 15 de Novembro até ao fim do ano; com o começo de 1941, esboça-se uma forte contra-ofensiva italiana, enquadrada depois no plano geral das operações conduzidas pelas potências do «eixo» contra a Grã-Bretanha e os seus aliados nos Balcãs. O epílogo desta última fase, a que mais propriamente deve chamar-se a campanha dos Balcãs, terminou pela ocupação, directa ou indirecta, clara ou disfarçada, de toda a Europa Central e do sudeste europeu pelas tropas ítalo-alemãs que assim firmaram o seu domínio entre os Carpatos e o Mediterrâneo, e entre o Danúbio e o Mar Negro.

Enquanto se desenrolaram estes acontecimentos é difícil dizer em que medida o Reich apoiou incondicionalmente a acção da Itália. O representante alemão em Atenas fez saber, de começo, ao governo grego, que o seu país não desejava alterar a natureza das relações que há muito mantinha com a Grécia e que eram cordiais e confiantes. A medida que o tempo decorria, esta atitude inicial foi-se modificando, e, a partir de certo momento, a colaboração ítalo-alemã na resolução dos problemas balcânicos tornou-se mais íntima, até se transformar numa solidariedade política absoluta e na fraternidade de armas que caracterizou a última fase da campanha dos Balcãs. É evidente que não foram apenas as vicissitudes do conflito ítalo-grego, que inicialmente parecia destinado a uma localização proveitosa para os restantes beligerantes, e especialmente para o Reich e para a Grã-Bretanha, que determinaram esta modificação radical da situação na península balcânica. No que então se passou deve filiar-se a origem do conflito, de proporções incalculáveis, que poucos meses depois devia estalar entre o Reich e a Rússia soviética.

NOVOS PLANOS DE OPERAÇÕES

Em seguida à batalha de Pindo e à substituição do general Visconti Prasca pelo seu camarada Soddu, o Duce pronunciou um importante discurso em que afirmava: «Nós quebraremos os rins à Grécia». O novo comandante chefe das tropas italianas em operações, na



General Soddu

ordem do dia com que inaugurou o exercício das suas elevadas funções, dizia: «A nossa missão está bem definida. Devemos dar ao exército helénico a lição que ele merece. Devemos provar-lhe que, apesar da sua coragem, ele deverá recuar perante a vontade implacável e o poder armado da Itália fascista». Nenhuma dúvida devia, portanto, restar de que o governo de Roma estava firmemente decidido a prosseguir na luta, empenhando a fundo os seus recursos poderosos em homens e em material.

O pensamento do novo comandante chefe era simples: sustar a retirada italiana, iniciada em seguida à batalha de Pindo, deter o avanço grego e preparar as condições para retomar a ofensiva em condições vantajosas. Para isso era necessário receber, rapidamente, reforços em quantidade. Tropas de «élite», que se adaptassem às condições da guerra a conduzir na frente grega e material adequado à leição especial de que essa guerra se revestia, eis os elementos essenciais que deviam ser fornecidos ao general Soddu para que ele pudesse desempenhar a missão delicada de que fora incumbido em condições satisfatórias. A situação, segundo revelava uma informação de origem italiana publicada por essa altura, ficaria estacionária até que se realizassem as condições previstas pelo seu comando.

Estes meados de Novembro, o traçado da frente de batalha aparecia sensivelmente modificado, caracterizando-o um recuo estratégico do dispositivo italiano que procurava firmar-se em novas posições mais seguras. Uma semana

depois da rectificação da frente estava concluída e os soldados de Itália abandonavam o território grego. Era em território albanês que passaria a desenrolar-se a nova fase das operações que se anunciava difícil para os dois beligerantes. Estes apressaram os seus preparativos. Os gregos reagruparam as suas forças de acordo com a nova situação criada pela sua vitória do Pindo. Os italianos trouxeram desembarcar em Santi Quaranta tropas frescas e grandes quantidades de material.

A GUERRA NAS MONTANHAS

Quais tinham sido as razões fundamentais da transformação que se operara na situação militar? Em primeiro lugar a quadra do ano em que se iniciaram as hostilidades era a menos própria para isso. Em segundo lugar, a aplicação, em larga escala, dos meios mecanizados e das forças blindadas na guerra de montanha revelara inconvenientes que obrigaram a uma rectificação rápida dos métodos empregados para conduzir a luta. Por um paradoxo, em que a guerra é fértil, dir-se-ia que na fraqueza dos gregos residia a razão principal da sua força.

O comando italiano contava que o avanço fulminante das unidades blindadas desorganizasse as retaguardas do inimigo e perturbasse irremediavelmente o funcionamento das suas linhas de comunicação. A dificuldade com que as divisões coraçadas manobravam em terreno montanhoso obrigava-as a frequentes paragens e tornava-as, a breve trecho, um alvo fácil para a acção dos gregos. Estes surpreendiam, com frequência, nos desfiladeiros, colinas de carros que não podiam prosseguir a sua marcha e que eram obrigados a render-se sem terem podido combater.

Na montanha as formações ligeiras do exército grego operavam à vontade. Destacando-se do grosso das forças em operações, organizavam-se colunas volantes, cujos comandantes procediam por iniciativa própria e cuja missão essencial consistia em surpreender o inimigo, onde quer que ele se encontrasse, por meio de surtidas imprevisíveis que desorganizavam todos os planos de campanha e obrigavam a refazer incessantemente os projectos elaborados. Essas colunas volantes realizavam geralmente ataques frontais de surpresa às posições italianas, atacando depois os flancos e as retaguardas do inimigo quando este iniciava uma retirada ordenada, impedindo o seu reagrupamento, apoderando-se do seu material e evitando que ele se instalasse em novas posições.

As colunas mistas que realizavam este género de operações, muito semelhantes à acção dos guerrilheiros, operavam nas cristas montanhosas, deslocando-se infatigavelmente. Eram constituídas por tropas de «élite», os «evzones». Contra eles nada podia a aviação italiana. Dispersos pelos rochedos, conhecendo minuciosamente as condições topográficas locais, os «evzones» eram invulneráveis à mais poderosa aviação de bombardeamento.

A TOMADA DE KORITZA

Foi nestas condições que os gregos se propu-

seram explorar, antes que o exército italiano em operações recebesse os novos e importantes reforços que esperava, a vitória de Pindo. O seu esforço incidiu especialmente contra a cidade albanesa de Koritza, importante pela sua situação, pela sua significação política e pelo seu valor estratégico. Segundo a versão grega a cidade era defendida por forças importantes, a 2.ª Divisão de alpinos «Triestino», a 19.ª Divisão, «Veneza»; a 29.ª Divisão, «Piemonte»; a 49.ª Divisão «Parma», a 53.ª Divisão «Arezzo», o batalhão independente «Taranto», os 109.º e 166.º batalhões de Camisas Negras, o 4.º Regimento de Bersaglieri e um batalhão de metralhadoras pesadas, todos agrupados no IX Exército que, com o XI, iniciara a campanha.

O comando deste exército fora confiado ao general Vercellino. Do lado italiano considerava-se que a sua função era simplesmente a de cobertura.

Penetrando em território albanês, os soldados gregos atacaram impetuosamente, desde os meados de Novembro, o maciço montanhoso de Morova que constitui, pelo lado do nascente, a principal defesa natural da cidade de Koritza. Os combates foram asperos mas, por fim, após dois dias de luta renhida os italianos rectificaram as suas posições. Em 17, os gregos encontravam-se apenas a dez quilómetros da cidade, iniciando imediatamente o seu cerco. Em 20, o maciço de Morova estava inteiramente nas suas mãos. A luta prosseguiu ainda durante dois dias, ao fim dos quais as tropas fascistas evacuaram a cidade. O comunicado italiano desse mesmo dia assinalava o acontecimento não denotando a sua importância. No seu discurso proferido a 18, Mussolini declarou que os comunicados oficiais não ocultariam nada da verdade quanto ao que se passava no teatro de operações da Albânia. Na reunião habitual dos representantes dos jornais estrangeiros em Roma, acentuava-se que essa política realista, que contava com a resistência e com o dinamismo da nação, estava a ser escrupulosamente executada. «A Itália fascista, disseira o Duce no seu discurso, dará conta tanto dos golpes que recebe como daqueles que vibrou contra o adversário». A queda de Koritza era o primeiro golpe suportado de que a nação italiana teve conhecimento e que produziu na Europa uma justificada impressão.

A SITUAÇÃO AGRAVA-SE

O ponto de vista oficial italiano estava longe de tomar as coisas ao trágico. Esse ponto de vista encontrava a sua expressão no seguinte comunicado officioso: «A Itália poderá mandar para a Albânia as tropas necessárias para forçar a decisão. Pensa, porém, que não é inútil obrigar os gregos a deixarem as posições vantajosas que inicialmente ocupavam, levando-os a combater num sector previamente escolhido pelo comando italiano». O fundo optimista desta versão, que era evidentemente forçada, correspondia, porém, à realidade da situação. Se esta sob o ponto de vista militar



General Ugo Cavallero



O rei Jorge II, da Grécia, e o Príncipe Paulo da Iugoslávia, com os Altos Comandos entre os quais os generais Metaxas e Papagos.

se não apresentava excepcionalmente brilhante, sob o ponto de vista diplomático evoluçionava em condições que levariam, mais cedo ou mais tarde, a um recrudescimento de actividade das potências do «eixo», à sua colaboração mais estreita e ao emprego, em larga escala, de todos os seus recursos. Quando essas circunstâncias se verificassem, a escassez dos recursos gregos, qualquer que fosse a bravura dos seus soldados, ditaria a solução do conflito com uma rapidez que não permitia dúvidas a ninguém.

A tomada de Koritza levava, entretanto, do lado italiano, a uma rectificação geral da frente. O IX Exército, que defendia a cidade, recuava em duas direcções. Em direcção a oeste, seguindo o curso do Devoli até Berat; em direcção ao norte, seguindo o curso do Skumbi até El Basan. A retirada pelo Devoli levava imediatamente à ocupação pelos gregos de Moseopolis; a retirada pelo Skumbi levava à ocupação de Pogradets, chegando os gregos às margens do lago Ochrida. Esta rectificação geral da linha de batalha operada pelo IX Exército, completava a rectificação operada pelo XI Exército, que recuava em direcção a Argyrocastro.

O avanço grego prosseguia, assim, o que não impedia que os italianos contra-atacassem, ao longo de toda a frente, com energia, cobrindo a retirada do grosso das suas forças que aguardavam a chegada de reforços. Esse era um dos problemas que o comando italiano precisava resolver com urgência a fim de fazer chegar ao campo de batalha tropas frescas e importantes quantidades de material, quer por mar, atravessando o canal de Otranto, quer por via aérea, utilizando em larga escala os aviões de transporte.

O AVANÇO GREGO

No começo de Novembro a situação militar evoluçionara num sentido claramente favorável para as tropas gregas. No sector norte da zona de operações, os gregos, depois de ocuparem Pogradets, progrediam em direcção a El Basan. No centro a progressão para Berat acentuava-

se. A luta era, nestes dois sectores, particularmente áspera pois os italianos defendiam, com encarnicamento, as suas posições. A ameaça sobre Argyrocastro precisava-se de maneira inquietante. No dia 4, Premeiti, que distava de Argyrocastro duas escassas dezenas de quilómetros, caía em poder das tropas gregas.

No dia 6, o comunicado grego anunciava a ocupação de Santi Quaranta, uma das três bases marítimas que eram utilizadas para o reabastecimento das tropas italianas que operavam na Albânia. Dois dias depois, era comunicada, da mesma procedência, a ocupação de Argyrocastro. Estas perdas eram sensíveis para o prosseguimento das operações e obrigavam a uma revisão rápida do plano total da campanha.

Os gregos resolveram explorar a fundo as vantagens conseguidas, coisa que inicialmente não estava decerto nas suas intenções. Do lado italiano esperava-se que o alargamento das linhas de comunicação e a fraqueza dos recursos empenhados na luta obrigasse o adversário a deter o seu avanço, uma vez libertado o território nacional e ocupadas algumas posições que tranquilizavam o comando grego quanto à segurança das suas tropas no futuro. Esta suposição revelou-se errônea e o comando teve de tirar as conclusões a que obrigava a decisão do adversário.

O objectivo do alto comando grego era evidente: conquistar os dois portos de que a Itália se utilizava ainda na costa albanesa, Valona e Durazzo, marchar sobre a capital da Albânia e forçar o exército italiano a evacuar este país. Ambos aquêles portos dispunham, porém, de linhas de defesa bastante sólidas, especialmente o primeiro. A linha defensiva que assegurava a sua utilização pelos transportes de tropas e pelos navios de guerra italianos estendia-se de Chimara a Klissura. Para a forçar era necessário ocupar um destes dois pontos. Foi nesse sentido que incidiram os esforços dos gregos.

(Continua na pág. 20)

ECONOMIZE

Aproveite melhor a sua gasolina com o emprego de um lubrificante que garanta perfeita lubrificação e vede bem os segmentos dos êmbolos.

ECONOMIZE

Poupe lubrificante, utilizando um óleo adequado ao serviço a que se destina e de comprovada resistência à temperatura, à diluição e destruição mecânica.

ECONOMIZE

Cuide dos pneus: mantenha-os à pressão normal, conserve os travões bem afinados, não faça paragens demasiadamente rápidas nem esbarre nos passeios.

ECONOMIZE

Vigie a bateria: conserve o electrolito ao nível, não a deixe descarregar por completo, nem, sobretudo, a mantenha nesse estado durante muito tempo.

ECONOMIZE

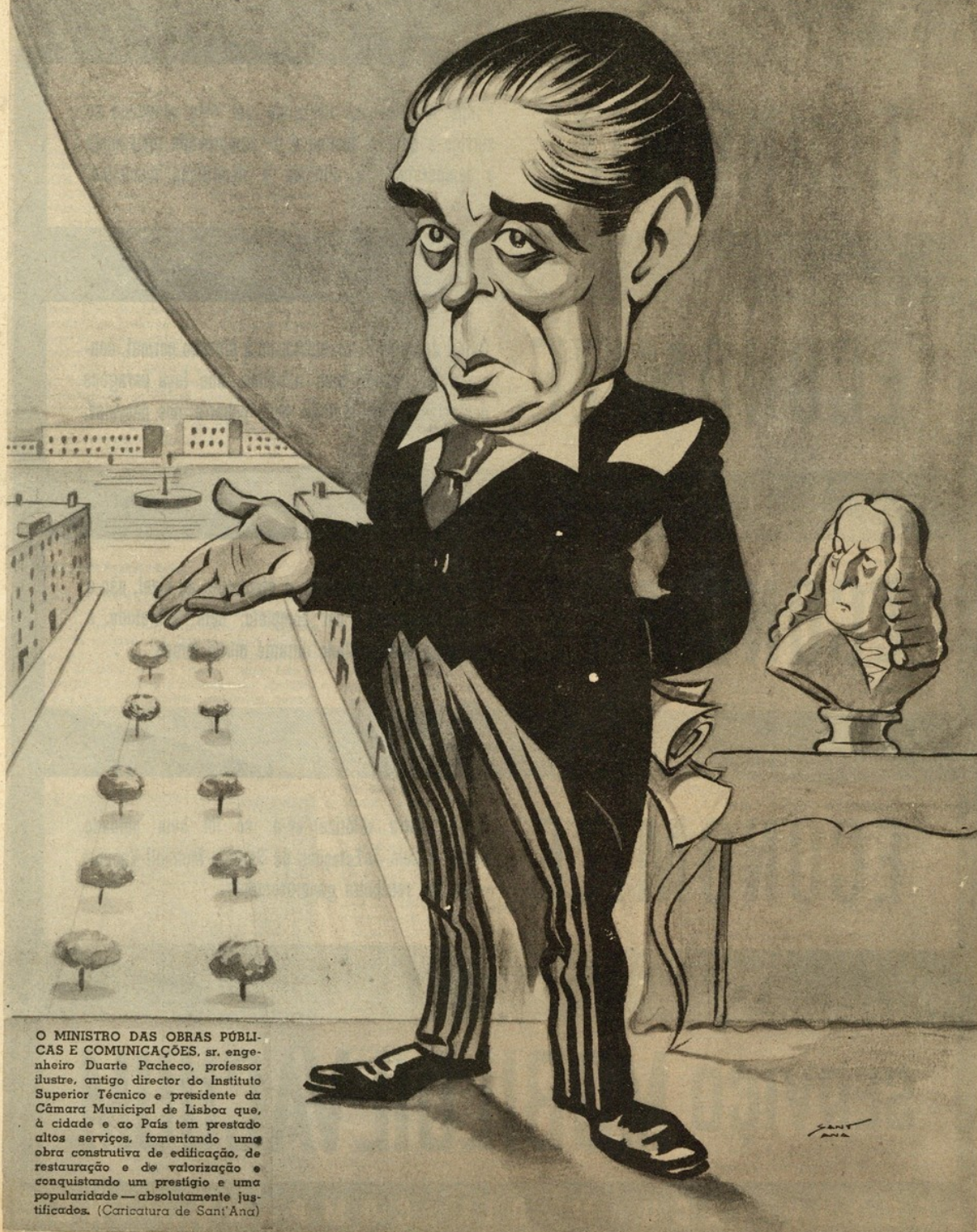
O seu carro valorizar-se-á, se fôr bem cuidado. Confie-o, pois, às Estações de Serviço Mobiloil-Vacuum, -êlé lho retribuirá generosamente.

SERVIÇO MOBIL-OIL-VACUUM

1901

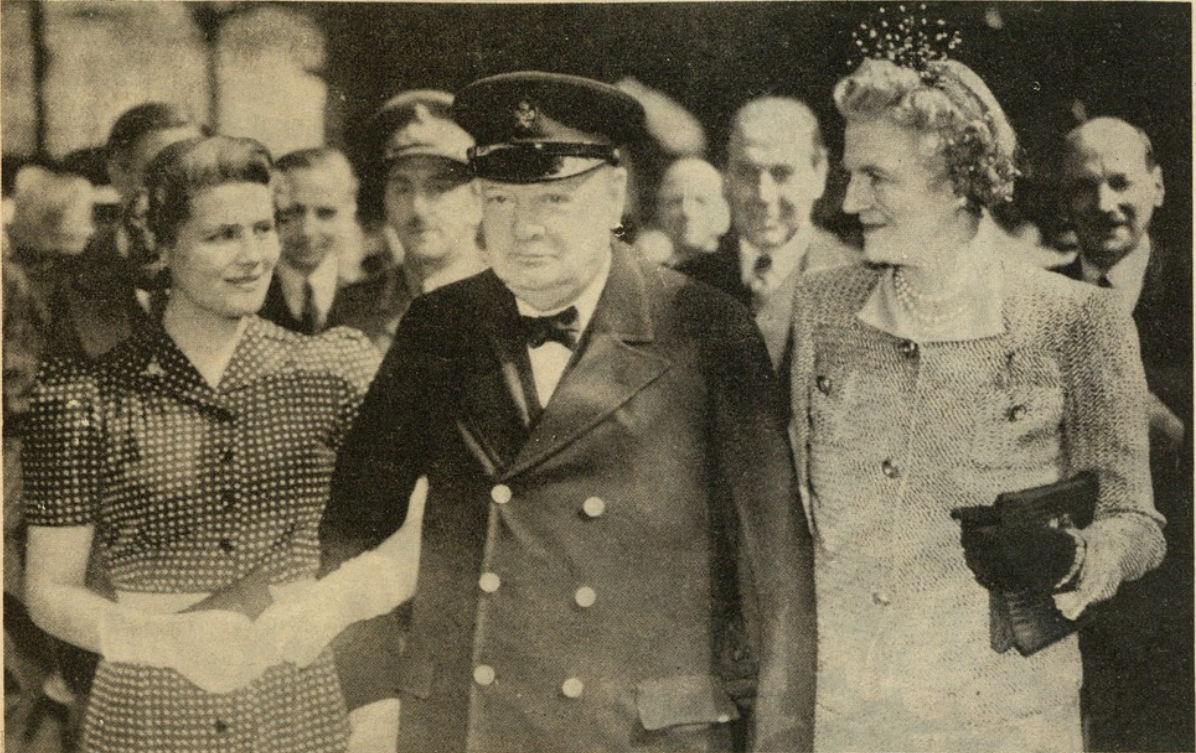
SO CONY-VACUUM OIL COMPANY, INC

FIGURAS DA VIDA NACIONAL



O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES, sr. engenheiro Duarte Pacheco, professor ilustre, antigo director do Instituto Superior Técnico e presidente da Câmara Municipal de Lisboa que, à cidade e ao País tem prestado altos serviços, fomentando uma obra construtiva de edificação, de restauração e de valorização e conquistando um prestígio e uma popularidade — absolutamente justificados. (Caricatura de Sant'Ana)

O regresso de Churchill



APÓS A SUA RECENTE VISITA aos Estados Unidos, onde teve conferências de maior interesse para a condução da guerra, o Primeiro Ministro britânico regressa a Londres para tomar parte no famoso debate da Câmara dos Comuns. Na foto, vemos Churchill ao sair do aeródromo de Eyston entre sua esposa e sua filha Mary. Ao fundo, vêem-se, entre outras altas personalidades, o general Alan Brooke, o ministro Clemente Atlee e Lord Anderson.

Finalmente Salvo!



DEPOIS de andar horas e horas ao sabor das ondas no seu barco de borracha, este piloto da R. A. F. é avistado e socorrido. O seu avião despenhou-se no Oceano, no regresso dum «raid» à Alemanha. Mas os barcos do Serviço Inglês de Socorros a Náufragos não descansaram enquanto não o viram.

A beleza eterna das flores de papel



Quatro aspectos duma «fábrica» de flores, onde trabalham, um dia inteiro, numa obra de maravilha, mãos de mulheres de Lisboa.

Uma crónica de Manuel Martinho

QUEM teria feito a primeira flor de papel?

Ela apareceu, decerto, para eternizar a beleza. Foi uma sede insaciável de perfeição, que levou o homem a juntar pétalas de papel, co-

rolas de arminho, num colorido amoroso dum canteiro perpétuo.

As flores de papel são, na sua constância, uma eternidade.

O frescor colorido que tem está, afinal, apenas na arte de duas pinceladas. Como aquele velho marinho, audaz nos cruzeiros, correndo em guinadas emocionantes a bravura dos oceanos, que, no topo da velhice, cansado, vencido pelo galgar dos anos, mas conservando ainda nos ouvidos a tumultuosa sinfonia do marulhar das ondas, se enleva, nas tardes nostálgicas contemplando uma antiga gravura que lhe representa o mar, golfando de

impetuosidade, assim a flor de papel, dentro duma jarra, junto do artista, dá-lhe a sedução dum estranho encantamento, — a lembrança dum jardim, embalado pela Primavera dos séculos.

Sem as flores, o mundo seria árido — elas foram criadas pelas lágrimas de alegria de Deus, ao contemplar, das regiões etéreas, a sua obra. Mas a Natureza que cria, mata também. O próprio sol que aquece e dá vida — quima e estiola.

Só as flores de papel, no artificio singelamente belo da arte do homem, conseguem, doces de ilusão, embalar sonhos de beleza... E que flores tão lindas — crisântemos formosos, vivos, que nem parecem de papel! Rosas, cravos, amores-perfeitos, papoilas garridas que até as searas, ondulando vêm direitinhos aos nossos olhos!

No Outono, à mercê duma agonia, os jardins são cemitérios de folhas. Despem-se as árvores, ramos contorcidos, descarnados, braços ao céu, a implorar.

E a ventania, num redemoinho de poeirada, varre, espalha, dispersa na lonjura as folhas e as pobres flores, tão frágeis que até a brisa subtil as embala. Houve, naturalmente, séculos atrás, um inverno de dilúvio ou um verão de canícula. E as flores desapareceram por momentos, num parêntese de saudade dolorosa. Depois talvez ninguém pensasse em pô-las a coberto, num vaso. Por qualquer muro, aqui e além, a mancha das sardinheiras, e, nos caminhos, a pobreza da urze teimavam em mostrar o seu encanto. E o homem tinha vaidade das rosas altivas, dos cravos arrogantes.

Com folhas de papel, com os requintes de artista, fez ramalhetes. E a sua predileção levou-o a apurar o gosto. Violetas e dalias, açucenas e jasmims, — um jardim enorme, inacabável e eterno.

Com a flor de papel o homem escreveu o poema de beleza e saudade que jámais o Mundo deixará de cantar. E que nessas flores de todo o ano, de sempre, vive a humanidade floral dos seus anseios.



O CONSELHO DO IMPÉRIO COLONIAL reunido há dias, sob a presidência do sr. dr. Francisco Caeiro, ministro interino das Colónias, para comemorar o tri-centenário da criação do Conselho Ultramarino.



OS ASSISTENTES ao serão cultural-recreativo para operários organizado pela Emissora em colaboração com a F. N. A. T. dedicado ao pessoal da Socony-Vacuum Oil Company e transmitido das oficinas gerais em Lisboa



O DIRECTOR DA SACONY-VACUUM, sr. engenheiro Anselmo Pinto Basto, falando aos operários durante a realização do serão cultural.



OUTRO ASPECTO DA ASSISTÊNCIA ao serão da Sacony-Vacuum



Película **Kodak**
para "fotos" cheias de vida

ADQUIRAM

ILLUSTRIERTE ZEITUNG LEIPZIG

Uma revista diferente de todas as outras
A Arte e a Cultura Alemã apresentadas
com magnificência em cada número

EXEMPLAR: ESC. 8\$50

DISTRIBUIÇÃO DE:

AGÊNCIA INTERNACIONAL/APARTADO 373

LISBOA



CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

À venda na Farmácia
Estácio—Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogarías

His Master's Voice



APRESENTA



NOVOS DISCOS DE DANÇA



Com as últimas novidades inglesas e americanas

As melhores orquestras de jazz
As músicas de maior sucesso
Hot Jazz
Swing

VISITE HOJE MESMO OS
Estabelecimentos
Valentim de Carvalho
RUA NOVA DO ALMADA. 95-97
LISBOA

MENTIRAS

conversas

2



— As mulheres não me resistem.
Fiz ontem uma conquista colossal! Só visto...

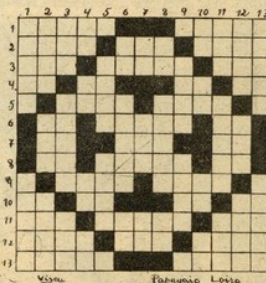


Realmente, só visto...

POR ZECO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 33



11—De maneira nenhuma; Alisa; Grêda. 12—Interj. pleb. (designativa de «colêras»); Termina; Feitiçeira. 13—Gênero de plantas trepadeiras, de pelos ásperos e urticantes; Regougar.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 32

HORIZONTAIS: 1—Ala; Pé; Chá. 2—Faca; Frei. 3—Ibis; Et-lo. 4—Mina; Lais. 5—Ao; Ex; Só. 6—Mal; Vã; Anã. 7—Iris; Crup. 8—Mero; Ater. 9—Ocar; Selo. 10—Sás; Um; Sôa.

VERTICAIS: 1—Ajim; Pé; Mimos. 2—Lábia; Areca. 3—Acino; Liras. 4—Asa; Cró; Sôr. 5—Fel; Oro; Cás. 6—Crias; Artes. 7—Hélio; Nuêlo. 8—Aios; Hi; Aprôa.

HORIZONTAIS: 1—Saciar; Facho. 2—Flumen (pl.); Templo; Uma das peças da asna. 3—Pássaro; Cogular; Súplica. 4—Seja; Nota musical; Artigo (pl.); Estás. 5—Lôdo; Erlear. 6—Nota musical; Oprime; Artigo (pl.). 7—O mesmo que «Anã»; Passa; Pura. 8—Arvore de Damão; Vida airada; Letra grega. 9—Prender com elos; Dificuldade de respirar, que se manifesta por acessos irregulares. 10—Artigo (pl.); Continuar; Marchava; Nota musical. 11—Piolho; Consentir; Governador de província, na Pérsia. 12—Gracejavas; Grita; Brilhei. 13—Prazer entre desgostos; Alar.

VERTICAIS: 1—Borbulha; Usura. 2—Podridão; Injusto; A mulher. 3—Adeje; Laço; Umas. 4—O mesmo que «Asse»; Ruim; Expliquei; Nota musical. 5—Montão; Esfaqueio. 6—Perdido; Tôlo; Único. 7—Artigo (pl.); Arvore terebintácea, cuja casca aromatiza o vinho; Visitei. 8—Batráquio; Suscita; Andava. 9—Ordem; Segurar. 10—Outra coisa; Sua; Maligna; O mais.



A VOZ DE LONDRES

fala e o mundo acredita

Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12,45	Noticiário	GRU	31,75 m. (9,45 mc/s)
		GRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
14,15	Noticiário	GRZ	13,86 m. (21,64 mc/s)
		GRU	31,75 m. (9,45 mc/s)
14,30	Actualidades	GRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
23,00 (*)	Noticiário	GRX	30,96 m. (9,69 mc/s)
		GRT	41,96 m. (7,15 mc/s)
23,15 (*)	Actualidades	G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
		GRT	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas curtas de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s)

Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GÓSTO AGRADABILÍSSIMO.

EFEITOS IMEDIATOS.

À venda em todas as Farmácias

Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:





UM «TANK» RUSSO de grande tonelagem apreendido recentemente pelas tropas do Reich durante a sua ofensiva no sector sul da frente oriental.

O LADRÃO de JOIAS

NOVELA POLICIAL DE WILLIAM WILSON

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

JAMES Walter pôs a mão pesada, em que cintilavam jóias, no ombro frágil de sua cunhada, e pronunciou num tom cheio de autoridade:

— Tu não vais por bom caminho, minha querida

Maud. Bem sabes que alguma palavra mais dura que eu profira não é para te ferir, mas para te salvar. Estás cega pelo sentimento que nutres por esse homem e não lhe vês os defeitos serenamente, como eu e tua irmã. O projecto desse casamento é insensato. Franck é, para nós, e mesmo para ti, que julgas conhecê-lo tão bem, um desconhecido. Que sabes do seu passado? Nada. E do seu presente? Pouco, e mesmo esse pouco não é tranquilizador.

Maud que escutava, visivelmente contrariada, este sermão de seu cunhado, mais velho do que ela vinte anos, traçou a pema num movimento nervoso, mostrando o joelho nu e bem torneado, sacudiu a cabeçinha loura cheia de caracóis artificiais e interrompeu para dizer:

— Franck viveu o melhor da sua vida em França, onde era um considerado perito contabilista; de regresso a Londres, tem-lhe custado obter colocação, desadaptou-se do meio...

— Ora, ora!... — acudiu James Walter. — Ainda te fias em cantigas. Achas então que esse homem, em dois anos, não teve tempo de readaptar-se... Valha-te Deus, mais à tua ingenuidade! Aliás, quem nos afirmou que Franck é um perito contabilista? Ele próprio. E como depositas nêlé toda a confiança, não quiseste dar-te ao trabalho de averiguar até que ponto ele falava verdade. E de que tem vivido ele todo este tempo, sem trabalhar, sem ganhar um «peny»? Do ar? Tem fortuna própria? Onde vai arranjar dinheiro para se vestir com tanto apurmo? Tem algum negócio?

— Franck fez algumas economias durante o tempo que esteve em França. Ele ganhava muito bem — disse Maud. — Além disso — proseguiu — faz, às vezes, pequenos negócios...

— Esqueros... — atalhou com certa veemência James Walter. — Estou certo de que ele nunca te explicou meadamente a que negócios se dedicava. Eu é que já tive um zum-zuns.

— Miss Maud argueu-se num arremesso, e num tom de voz em que havia indignação e desespêro, com algumas lágrimas, exclamou:

— Todos se empenham em demolir o homem que amo sinceramente! O meu coração escolheu livremente aquêle que pretende tomar-me por esposa. Sou eu que me caso com ele e não os outros. Se fôr infeliz, é por minha conta

e risco. Não me atormentem mais com essas objecções infamantes!

E, batendo os tacões dos sapatinhos, saiu do gabinete, puxando a porta com uma violência que ia um pouco além da boa educação.

James Walter quedou um largo momento pensativo, encostado à sua ampla secretária de madeira negra, coçando no queixo, na attitude de homem que se sente numa situação embaraçosa.

* * *

Havia mais de seis meses que aquêle namôro durava. A princí-

seguiu amealhar uma sólida fortuna no negócio de sucata de ferro, as duas irmãs teriam passado por certo um mau bocado, quando a mãe e o pai, dois meses depois, desapareceram deste mundo.

Maud não sentiu grande abalo material ao ficar orfã. Recolhida imediatamente ao lar de sua irmã, mais velha treze anos, passou a gozar uns confortos que durante a infância desconheçera. James Walter, que era pessoa um pouco rude na aparência, depressa se afeiçoou à cunhadita, graciosa e linda. O casal não frutificava em filhos e Maud viera preencher uma

danas. Sempre que podia, escapava-se ao que elle chamava as «solenes maçadas».

Margueret, porém, pouco se importava que o marido não pudesse acompanhá-la. Tinha uma companhia esplêndida e deçente: sua irmã mais nova, que logo se tornou querida pela sua simpática simplicidade.

Foi numa reunião mundana que Maud travou conhecimento com Franck Spring. O namôro pegou, logo de início, com grande intensidade, pois era a primeira vez que a rapariga se sentia empregada pelo amor.

Sabedor do caso, James Walter abriu francamente as portas do seu lar ao jovem que sua cunhada elegera. Achou o rapaz cativante, mas quando viu que o «flirt» tendia a transformar-se em qualquer coisa de mais sério, achou de boa prudência tomar certas precauções.

Era difícil colher informes sobre Franck, visto elle ter-se expatriado ainda criança e não se saber ao certo em que ponto residira no outro lado da Mancha. Não se sabia bem como fôra introduzido no meio elegante que frequentava. E elle próprio mostrava-se sempre reservado quando falava da sua vida íntima. Este conjunto de circunstâncias começou a criar à sua volta uma atmosfera menos favorável. E «mistress» Walter, que nos primeiros tempos se mostrava tão cativada, foi a primeira a dar sinal de alarme junto do marido, transmitindo-lhe alguns boatos pouco agradáveis que circulavam a respeito do noivo de sua irmã.

Na noite anterior, Margueret, numa conversa mais grave com o marido, communicou-lhe as últimas novidades amargas sobre Franck. Tinham-lhe sido transmitidas por John Stone, pessoa distintíssima, frequentador dos meios elegantes e visita assídua da casa de Walter. Este não sympathizava muito com Stone, devido ao seu ar «snob» e à sua delicadeza untuosa, mas não podia deixar de concordar que era um pessoa muito distinta, cuja assiduidade só podia emprestar distincção a sua casa.

Stone affirmava que Franck Spring fizera em França uma vida dissoluta, só frequentando os meios sórdidos de «cabarets» reles e mal afamados e que havia bons indícios para se supor que, em Londres, embora pretendesse salvar as aparências introduzindo-se na sociedade elegante, se dedicava a negócios sujos de estupefacientes e possivelmente de furtos, pois se sabia que já fôra visto por mais de uma vez em locais frequentados habitualmente por esses negociantes torvos.

Estas noticias impuseram ao honesto James Walter o dever de intervir com mais energia. Daí, aquella discussão, que tanto o fazia sofrer em sua ternura quasi paterna. Nunca poderia admitir que Maud se lançasse assim cegamente no abismo. No entanto,



— Mand, tenho noticias bem tristes a dar-te.

pio tudo decorrera bem. Franck Spring era um rapaz bem parecido, bom conversador, maneiras delicadas, que lhe vinham da sua longa permanência em França, mostrando sentir por Maud uma verdadeira adoração. A rapariga, ainda no verdor das suas vinte e três primaveras, não se sentia menos entusiasmada com a corte do rapaz, que logo se mostrou de uma assiduidade e solicitude raras nos tempos que vão correndo.

James Walter e sua mulher, irmã mais velha de Maud, mostraram-se de começo optimistas sobre o destino da pequena Maud, que ambos criaram desde a idade de dez anos. Foram para ela os seus segudos pais. Os primeiros haviam morrido pobres. E se Margueret, a mais velha das duas orfãs, não tivesse tido a sorte de estar casada com James Walter, homem que, vindo do nada, con-

lucava de ternura em sua casa.

Walter mostrava-se até mais atento à educação e ao bem-estar da cunhada do que sua mulher. «Mistress» Margueret que, até à altura do casamento, fôra obrigada a fazer uma vida menos que modesta em casa de seus pais e, ao ver-se cercada de conforto e facilidade monetárias, parecera apostada em desforrar-se dos primeiros acanhados anos de sua vida. Tinha uma certa predilecção pelo luxo, e o seu ideal era introduzir-se na vida mundana e luzir.

James Walter, porém, estimava mais o cantinho da sua casa. Viera também de meios modestos, e os ambientes elegantes constrangiam-no. Embora tivesse feito fortuna, nunca perdera seus hábitos sóbrios, e mostrava-se de uma grande timidez quando sua mulher o obrigava a frequentar «soirées», chás e outras reuniões mun-

no último momento, faltara-lhe a coragem de dizer a sua cunhada tudo quanto de horrível sabia acerca de Franck. O sofrimento que tais notícias causariam à pobre pequena fê-lo calar o pior.

Mas tinha que lho dizer. Escolheu outro momento para tudo lhe revelar com mais coragem.

* * *

Maud saiu do gabinete do cunhado e foi direitinha ao encontro de Franck Spring, na casa de chá onde era hábito reünirem-se. Ali haviam trocado as mais ternas confidências e juras de amor; ali tinham planeado a mais bela existência futura.

Nessa tarde, porém, Franck, que a esperava tranqüilamente como de costume, logo adivinhou no rosto transtornado da jovem que alguma coisa de anormal tinha ocorrido. Ao apertar-lhe a mão notou-lha febril.

— Estás doente, Maud? — inquiriu elle, em voz meiga.

A rapariga não pôde reter as lágrimas, e durante uns momentos não conseguiu calar. Franck logrou, a muito custo, fazê-la serenar um pouco. E só então ella contou, em voz entrecortada, a conversa grave que acabava de ter com o cunhado.

— Até insinuou que andavas metido em negócios escuros — disse ella, por fim, um pouco reciosa de ferir o ente amado.

— Pouco me importa que falem de mim — disse Franck, que até aquêlles momentos, escutando as amargas confidências da sua noiva, se limitara a sorrir desdenhosamente e a encolher os ombros.

— O que mais me importa é saber se ainda me amas e se tens confiança em mim. Estou disposto a casar contigo. E esta disposição não a teria se não tivesse a certeza de poder constituir um lar e mantê-lo honestamente, embora sem grandes luxos. Aliás, não tenciono pedir o auxilio de teu cunhado para te manter. Se acaso elle te destina algum dote, dize-lhe que, por minha parte, o dispenso.

Estas últimas palavras foram pronunciadas com tanta solenidade e altivez, que Maud não pôde deixar de se sentir profundamente tocada.

Saiu da casa de chá com a alma confortada pela serenidade e segurança com que o noivo lhe falou. Franck não lhe mentia. Prometia-lhe a felicidade num lar modesto, e ella não aspirava a mais do que isso. Ao contrário de sua irmã, nunca se entusiasmara muito, nem com a vida mundana, nem com luxos exagerados. Uma vida sossegada, com o noivo dos seus sonhos à sua beira, era tudo quanto desejava. Franck havia de ser o melhor dos maridos. A sua afirmação de que prescindia do dote que o cunhado lhe destinava, comovia-a até às lágrimas.

* * *

Em casa, porém, ao regressar, esperava-a uma surpresa desconcertante. Os criados andavam em polvorosa. E Maud, estranhando aquella agitação, apressou-se a inquirir do que se passava. Uma criada, em voz insegura, deu-lhe a terrível notícia:

— Desapareceu o «pendentif» de «mistress» Walter.

Maud ficou sem pinga de sangue. Sabia quanto a irmã apreciava aquella jóia com que o ma-

rido a presenteara dois anos antes, pela quadra festiva do Natal. Custara três mil libras e era um primor de arte de joalheria que fazia realçar muito a sua beleza. Marguerett só a usava em dias excepcionalmente solenes, pois tinha sempre receio de o perder ou de que lho furtassem. Guardava-o cuidadosamente numa gaveta do seu tocador, num lindo estojo que Walter mandara fazer de propósito para aquella preciosidade.

Maud correu aos aposentos de sua irmã e foi encontrá-la, com o cunhado, ambos desolados, perante as gavetas abertas e revolvidas. Por descargo de consciência, não encontrando a valiosa jóia no estojo, ainda se deram ao trabalho de remexer tudo, embora com pouca esperança de encontrá-la.

Marguerett estava pálida e indignada.

— Já sabes? — exclamou ella quando Maud entrou. — Desapareceu o meu «pendentif». Foi roubado com certeza. Lembro-me bem que, pela última vez que o usei na «scirée» dos Thompson, ao regressar, o coloquei no seu lugar habitual. Isto foi há precisamente quatro dias. Hoje, não sei porque estranho pressentimento, abri o estojo e não o vi. Ainda quis vencer-me de que o tivesse colocado em qualquer outro sítio por distração. Mas já se revolveu tudo. O colar foi roubado com certeza.

— Mas quem se poderia ter introduzido aqui para o roubar? — inquiriu Maud.

— Sei lá! — exclamou «mistress» Walter. — Dos criados não posso desconfiar. São de uma fidelidade absoluta.

— Mas ninguém aqui poderia entrar — objectou Maud. — E com certeza que só alguém, munido da chave de segredo, poderia abrir a gaveta onde estava o estojo. Não vejo sinais de arrombamento.

Walter, que permanecera calado e cismático, emitiu por fim a sua opinião:

— Aqui andou dedo de gatuno profissional e muito hábil. Não creio que os criados já velhos na casa tivessem habilidade para praticar roubo semelhante. O melhor é participar-se o caso à policia e ella que averigüe.

* * *

Uma hora depois apresentava-se o inspector Harrison na residência de James Walter. Este e a esposa receberam-no imediatamente, fechando-se com elle no gabinete de trabalho do negociante de sucatas.

A conferência fôra demorada, e Maud, que esperava impaciente o seu resultado, sentia-se extremamente nervosa sem saber ao certo porquê. Cerca de três quartos de hora se mantiveram os três em estreito conciliábulo, após o que a porta do gabinete se abriu e Walter mais a esposa levaram o «detective» ao «boudoir» de Marguerett. O policia examinou cuidadosamente as fechaduras, verificando que não tinham sido forçadas. Depois, sempre acompanhado do casal, foi observar a disposição da casa, percorrendo corredores e aposentos, verificando para que lado deitavam as janelas e tomando nota da situação em que ficavam os quartos da criadagem. Tudo isto era feito com muita gravidade. E Maud teve o cuidado de não se mostrar muito interessada

sem todas aquellas observações, para as quaes, aliás, não a tinham chamado.

Seguiu-se o interrogatório dos criados. Um a um, foram fazendo as suas declarações perante o «detective», que se conservava numa attitude esfingica. Por fim, Harrison pediu a «miss» Maud o especial obsequio de lhe conceder uns momentos de atenção.

A rapariga, dirigiu-se ao gabinete do cunhado, onde decorriam estas entrevistas, com o coração em sobressalto. Não adivinhava coisa boa.

Harrison foi de uma cordealidade muito sóbria ao cumprimentá-la e aboridou logo o assunto, confirmando os maus pressentimentos de Maud.

— Sei que está noiva de «mister» Franck Spring — disse elle. — Sua irmã e seu cunhado recebem péssimas informações a respeito dêsse senhor. Sei que elle tem visitado esta casa e goza aqui de uma certa liberdade. Esteve cá ante-ontem. Acaso, «miss» Maud, durante o tempo dessa visita, esteve sempre o seu lado?

A jovem sentia-se extremamente embaraçada. Compreendeu que sua irmã e o cunhado deviam ter revelado as suas suspeitas acerca de Franck naquêlles melindrosos assentos. E sabia mais: Franck, realmente, estivera ali na ante-véspera e, por acaso, quando elle chegou nem a irmã, nem o cunhado, nem ella própria estavam em casa. O jovem acusara-a até risinhosamente de o ter feito esperar meia hora. A revelação dessa verdade faria adensar a atmosfera de suspeita sobre o noivo. Maud hesitava em dizer a verdade.

Ante o seu silêncio, o «detective» disse:

— Não sei se sabe que, ultimamente, se têm dado roubos idênticos em várias casas; e as vítimas são pessoas das suas relações e das de «mister» Franck Spring.

Maud sentiu um calafrio percorrer-lhe o dorso. Encheu-se de coragem e respondeu, enfim, à pergunta que Harrison lhe fizera.

— Franck esteve sempre junto de mim.

— Acaso, não chegou elle num momento em que não estavam em casa? — inquiriu o policia, fixando-a.

Maud baixou os olhos e murmurou:

— Não me recordava dêsse momento...

E teve a impressão de que o chão se lhe abria debaixo dos pés.

Harrison poucas mais perguntas fez. Retirou-se em seguida.

Durante dois dias, a jovem andou desorientada. Franck Spring não aparecia nem em sua casa, nem na casa de chá onde costumavam encontrar-se. Aquella ausencia adensava à sua volta a atmosfera de suspeita. Seu cunhado abandonara as restricções, que antes se impunha ao referir-se ao rapaz, e já mencionava claramente negócios de estupefacientes, admitindo como certo que outra pessoa não podia ter cometido o furto do «pendentif» senão elle, que tivera tempo de sobra para essa proeza.

O que mais a alargava e desconcertava era a ausencia do noivo. Não sabia como explicá-la. Quarenta e oito horas depois do furto, o inspector Harrison apresentou-se, de novo, em casa de «mister» Walter. Ia grave e circunspecto, como sempre, e levava consigo Franck Spring, que não se apresentava menos esfingico.

James Walter apressou-se a recebê-lo, fechando-se com elles no seu gabinete de trabalho. Maud e Marguerett não foram admitidas naquêlles conciliábulo. A jovem sentia-se tão impaciente, que não pôde reter as lágrimas. Assaltavam-na maus pressentimentos, que a vinda de Franck mais agravava.

Cerca de meia hora durou aquella entrevista secreta, após a qual «miss» Maud foi chamada por um criado. Quis preparar-se para um novo interrogatório, mas não conseguiu controlar os seus nervos.

A porta fechou-se herméticamente e Walter pronunciou:

— Maud, tenho noticias bem tristes a dar-te.

— Já se sabe quem roubou o «pendentif» — pronunciou elle. — É lamentável o que aconteceu. Vai ter um grande desgosto...

Calou-se. Maud lançou a Franck um olhar ansioso. O rapaz estava triste como nunca o vira. James Walter, tomando coragem, continuou:

— Quem roubou o «pendentif» foi a tua própria irmã. — E com voz trémula: — Roubou-o para o dar a Stone, que era seu amante.

Maud soltou um grito inaudível. James, num esforço por manter-se sereno, disse ainda:

— Foi ella quem furtou jóias de várias casas de pessoas das nossas relações, tudo para entregar a esse homem que já está preso.

Maud lançou-se nos braços de Franck, ouvindo da boca do cunhado esta noticia inesperada:

— Franck Spring, de quem suspeitávamos, era um inspector da Scotland Yard que andava investigando estes casos. A sua descoberta foi um grande triumpho para elle e uma desgraça para mim

PASTA MEDICINAL COUTO

TRATA gengivas descarnadas ou sangrentas

EVITA estomatites mercuriais ou birmuticas

MATA os microbios da boca, que dão causa a tantas doenças graves

Couto, L^{da} Pôrto



UM ASPECTO da festa comemorativa do 29.º aniversário da Albergaria de Lisboa, há dias realizada com a presença da esposa do sr. Presidente da República, do sr. general Amílcar Mota, representante do Chefe do Estado, do Director Geral da Assistência e de outras entidades.



ALGUNS DOS CONCORRENTES às provas da «Cociedade Portuguesa do Concurso Hípico de Lisboa».

HISTÓRIA DA GUERRA

Continuação da pág. 10

O EPISÓDIO DE KLISSURA

Para os primeiros dias de Janeiro de 1941, fôra anunciada uma contra-offensiva italiana de grande envergadura. O general Soddu, bem como o governo de Roma, estavam longe de ter perdido o «contrôle» da situação ou de a considerar desesperada. A contra-offensiva iniciou-se com uma série de ataques em que foram empregados efectivos numerosos e um material valioso. A suposição de que o inverno levaria os gregos a moderarem o ritmo das operações também se não confirmou. Apesar de não estarem preparados para uma campanha em quadra do ano tão rigorosa, o seu avanço não se detinha.

Um correspondente de guerra informava que os gregos faziam um contraste curioso com os finlandeses, pois combatiam, no meio da neve, levando consigo apenas uma espingarda. E outro completava ainda esta informação: «Constatarei, pessoalmente, que os soldados gregos que se batem nas montanhas, usam apenas calçado ligeiro e roupas leves. A rapidez da mobilização não permitiu que lhes fôsse dado tempo de se preparar para a campanha em quadra do ano tão rigorosa, o seu avanço não se detinha.»

A ocupação de Chimara, uma das testas da linha que defendia Valona fez-se rapidamente e os comunicados oficiais dos dois adversários não lhe atribuíam uma importância excepcional. O mesmo não aconteceu com a outra testa dessa linha, a povoação de Klissura, fortemente defendida e situada numa região praticamente inacessível. Não faltava quem considerasse a posição inexpugnável. Em 10 de Janeiro, o comunicado grego informava tacitamente:

«A violenta batalha durante muitos dias na região solidamente fortificada de Klissura terminou por um novo êxito das tropas helénicas.»

A batalha pela posse de Klissura durara aproximadamente nove dias e fôra das mais rudes de toda a campanha dos Balcãs. Os italianos puseram na sua defesa um encarniçamento idêntico àquêle que os gregos empregaram para a conquistar. A ameaça contra Valona precisava-se assim em condições que obrigavam à adopção de medidas de urgência. A primeira dessas medidas foi a escolha dum novo comandante chefe, o general Ugo Cavallero, um dos mais categorizados representantes da ciência militar em Itália.

A SITUAÇÃO EVOLUCIONA

A escolha do general Cavallero foi seguida dum enérgica reacção italiana que, embora não produzisse todos os seus frutos imediatamente, se traduziu por uma modificação transparente nas condições da luta. Estas iam ser ainda mais fortemente influenciadas pela evolução da situação política. O avanço do general Wavell na Líbia, coincidindo com a segunda fase da campanha da Albânia, levou as potências do «eixo» a reverem o conjunto da situação, encarando as medidas adequadas para enfrentar as dificuldades que se acumulavam desde o início de Dezembro.

Em seguimento das conversações do Brenner e de Florença, realizou-se, em Berchtsgaden, um novo encontro do Führer com o Duce, em 20 de Janeiro. As conversações prolongaram-se durante dois dias e o comunicado que dava conta da sua realização assinalava a perfeita

unidade de vistas que elas permitiram, mais uma vez, verificar; essa unidade de vistas, coincidindo com o aparecimento das águas alemãs no Mediterrâneo, faria em breve degenerar a guerra italo-grega na campanha pela posse dos Balcãs.

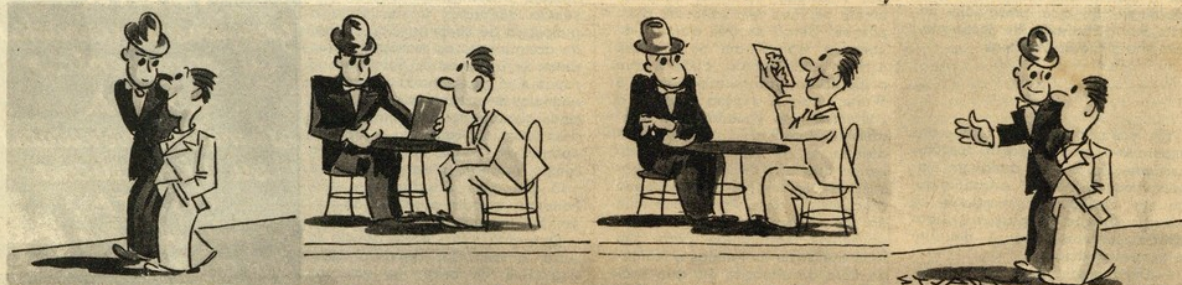
Poucos dias depois, a 29 de Janeiro, o principal animador da resistência grega, o general Metaxas, morria em Atenas, vítima dum embolia, sendo substituído na chefia do governo pelo governador do Banco da Grécia, Alexandre Korysís. O rei Jorge dirigiu, nessa ocasião, uma proclamação ao povo helénico, anunciando que a política de resistência à invasão italiana preconizada e organizada pelo falecido estadista continuaria e que a colaboração estreita com a Grã-Bretanha seria a pedra angular da política externa da Grécia.

O general Wavell visitou Atenas, onde realizou diversas conferências com o soberano e com os chefes políticos e militares da Grécia. Estas conversações eram a réplica daquelas que se haviam registado em Berchtsgaden. A guerra italo-grega, de proporções reduzidas e de ambiente restrito, ia evoluir no sentido da guerra geral em que as grandes nações europeias se haviam envolvido. A Grã-Bretanha e o Reich perfilavam-se já na terra em que o drama italo-grego evoluía. O conflito ia estender-se a outras regiões. Nos primeiros dias de Fevereiro ninguém tinha ilusões. A campanha dos Balcãs ia desencadear-se com a maior energia.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

OS AMIGOS SÃO PARA AS OCASIÕES • por Stuart Carvalhais




— O quê?! Já não te casas?
— É verdade, desmanchei o casamento.

— Mas, como foi isso?
— Um amigo meu contou-me coisas horríveis a respeito dela!

— É espantoso! Quem diria?! E ela era linda, era mesmo muito linda... Que pena! E o que foi feito dela?

— Ora, o palerma do meu amigo, sabendo aquilo tudo, não teve vergonha nenhuma — e casou com ela!



AQUI AMERICA

emissões dos ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorde esta Tabela para referência futura)

Horas*	Dias	Ondas curtas
9.15	Segunda-feira.....	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado.....	31.02 m. (9.67 mc/s)
10.30	Segunda-feira.....	25.23 m. (11.89 mc/s)
	Terça-feira, Sábado.....	31.02 m. (9.67 mc/s)
20.15	Segunda-feira, Sexta-feira.....	(25.40 m. (11.79 mc/s)
		30.90 m. (9.70 mc/s)
		49.60 m. (6.04 mc/s)
21.30	Sábado, Domingo.....	{ 19.56 m. (15.33 mc/s)
		{ 31.02 m. (9.67 mc/s)
21.45	Sábado, Domingo.....	{ 31.02 m. (9.67 mc/s)
		{ 19.56 m. (15.33 mc/s)
23.30	Sábado, Domingo.....	19.56 m. (15.33 mc/s)

* As horas indicadas são as do meridiano de Greenwich (G. M. T.) isto é, duas horas mais cedo do que a hora de Lisboa.

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



UMA DAS MONTRAS DA LIVRARIA PORTUGÁLIA, na rua do Carmo, foi recentemente dedicada ao grande êxito literário do momento — o livro «Dize tu, direi eu», do dr. Luiz de Oliveira Guimarães, o espirituoso autor da página «Calçada da Glória», da nossa revista. Este volume, uma elegante edição de «Vida Mundial», é constituído por cerca de 70 entrevistas com as figuras mais destacadas da vida portuguesa, e é ilustrado por todos os nossos melhores caricaturistas e desenhadores. A foto mostra-nos um aspecto da montra daquela livraria, vendo-se ao centro uma caricatura do brilhante humorista autor do livro, trabalho de Zeca, nosso colaborador.

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale
por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

DR. PEDRO TEOTÓNIO PEREIRA



Ilustre embaixador de Portugal em Espanha que tem desempenhado, com grande interesse nacional e alto espírito diplomático, a sua missão, e que recentemente visitou o Marrocos espanhol numa viagem de grande significado para o estreitamento das relações luso-espanholas. Em nome do governo português, o sr. dr. Pedro Teotónio Pereira entregou ao general Orgaz, alto comissário espanhol naquêles territórios, a Grã-Cruz da Ordem de Cristo. Em sua honra, efectuaram-se em Tetuão e noutras cidades, grandes festas de homenagem a que assistiram as personalidades mais eminentes de Marrocos.

DR. VITORINO NEMÉSIO



Que, recentemente, e após um brilhante concurso, foi aprovado, por unanimidade, para professor catedrático da secção de filologia românica da Faculdade de Letras de Lisboa, onde já há tempos, e com muito brilho, exercia as funções de professor extraordinário efectivo. A tese que defendeu — «O soneto de Ronsard, seu conteúdo humorístico, seus valores poéticos» — serviu-lhe à maravilha para revelar largamente a sua excepcional preparação e a solidez duma cultura que, servida por uma brilhante expressão literária, impôs há muito o seu nome como personalidade de relevo na vida nacional.

I R E N E L I S B O A



Escritora muito distinta que acaba de publicar um livro notável «Esta cidade!», série de crónicas lisboetas, onde a gente e as coisas da capital são analisadas com subtil espírito de observação, grande poder de contar e uma técnica poderosa de romancista que se adivinha em cada episódio. Irene Lisboa, que tem ilustrado com muito brilho, o seu pseudónimo literário de «João Falco», obteve agora com este seu livro um êxito extraordinário que nos apraz registar — juntando os nossos aos aplausos do público e da crítica.

T O M É V I E I R A



Jornalista e escritor, que se tem dedicado ultimamente, com muito acerto e numa demonstração brilhante das suas qualidades, ao estudo e crítica dos problemas internacionais ligados com a eclosão do novo conflito mundial e que acaba de publicar um livro cheio de interesse intitulado «Quem quer a guerra?», onde os especialistas e estudiosos encontram vasta matéria para leitura instrutiva e emocionante, cheia de revelações e de curiosos pormenores — obra de repórter que sabe utilizar-se da sua profissão.



O CHEFE DO ESTADO recebendo do sr. dr. Oscar Vasquez Benevides, Encarregado de Negócios peruano, a Grã-Cruz de brilhantes da «Orden del Sol» do Perú, com que o governo daquêlê país o agraciou.



A FESTA NACIONAL DA FRANÇA — aniversário da tomada da Bastilha — foi comemorado pela colônia francesa do Pôrto com uma recepção, na qual o sr. Barão de Alexandry, cônsul daquêlê país, leu uma mensagem



A «CRUZ VERMELHA» DO PÔRTO, inaugurou recentemente um curso de enfermagem para senhoras. Na foto, vê-se o sr. dr. Gil da Costa dando a sua primeira lição

Seviço Francês

á venda em Portugal

	Cada ex.
DIARIOS — Aujourd'hui	\$70
Le Matin	\$70
L'Oeuvre	\$70
Le Petit-Parisien.....	\$70
Paris-Soir	\$70
Les Nouveaux Temps...	\$70
Vie Industrielle.....	\$70
SEMANARIOS, etc. — La Semaine.....	2\$10
L'Atelier	1\$10
Cine Mondial.....	2\$80
La Gerbe	1\$40
L'Illustration	4\$80
Le suis partout.....	1\$40
Toute la Vie.....	2\$10
Notre Combat.....	2\$10
L'Art et la Mode.....	10\$50
Modes et Travaux.....	5\$30
Off. la Coutûre.....	12\$60
Comœdia	1\$40

Distribuição de: AGENCIA INTERNACIONAL
Apartado 373 — LISBOA



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas	Estações		
9.50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.000
13.20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
15.10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
23.40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
23.40 Noticiário		ondas médias	
		m. 221.1 m. 263.2	
1.00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

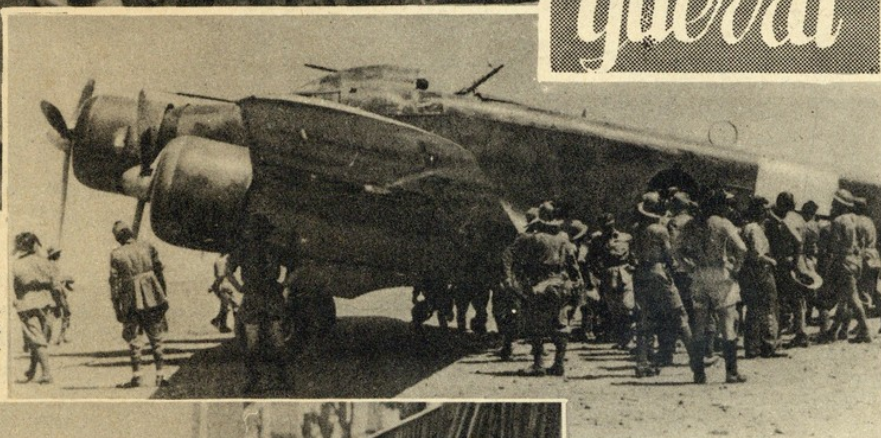
CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA

22.20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
22.20 (Quarta feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

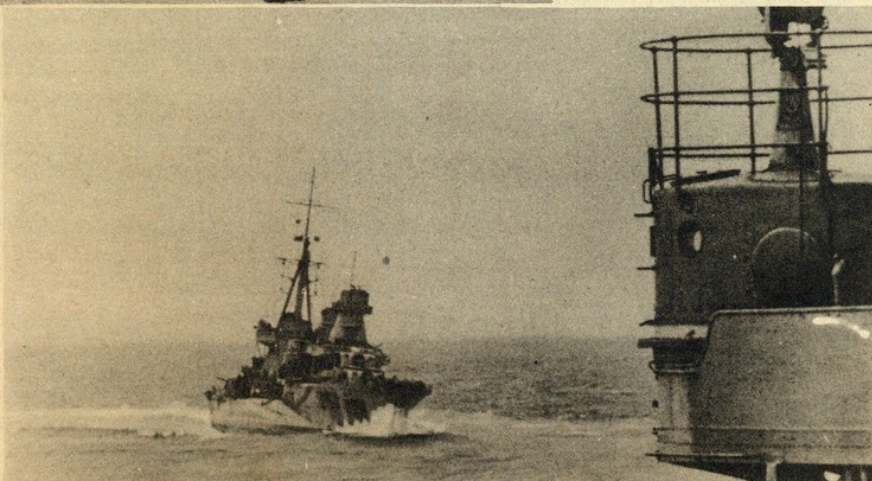
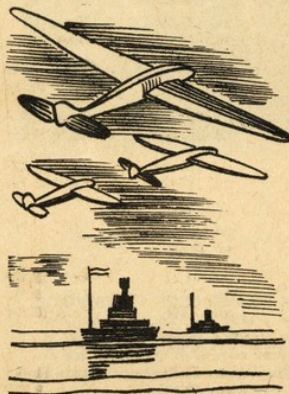


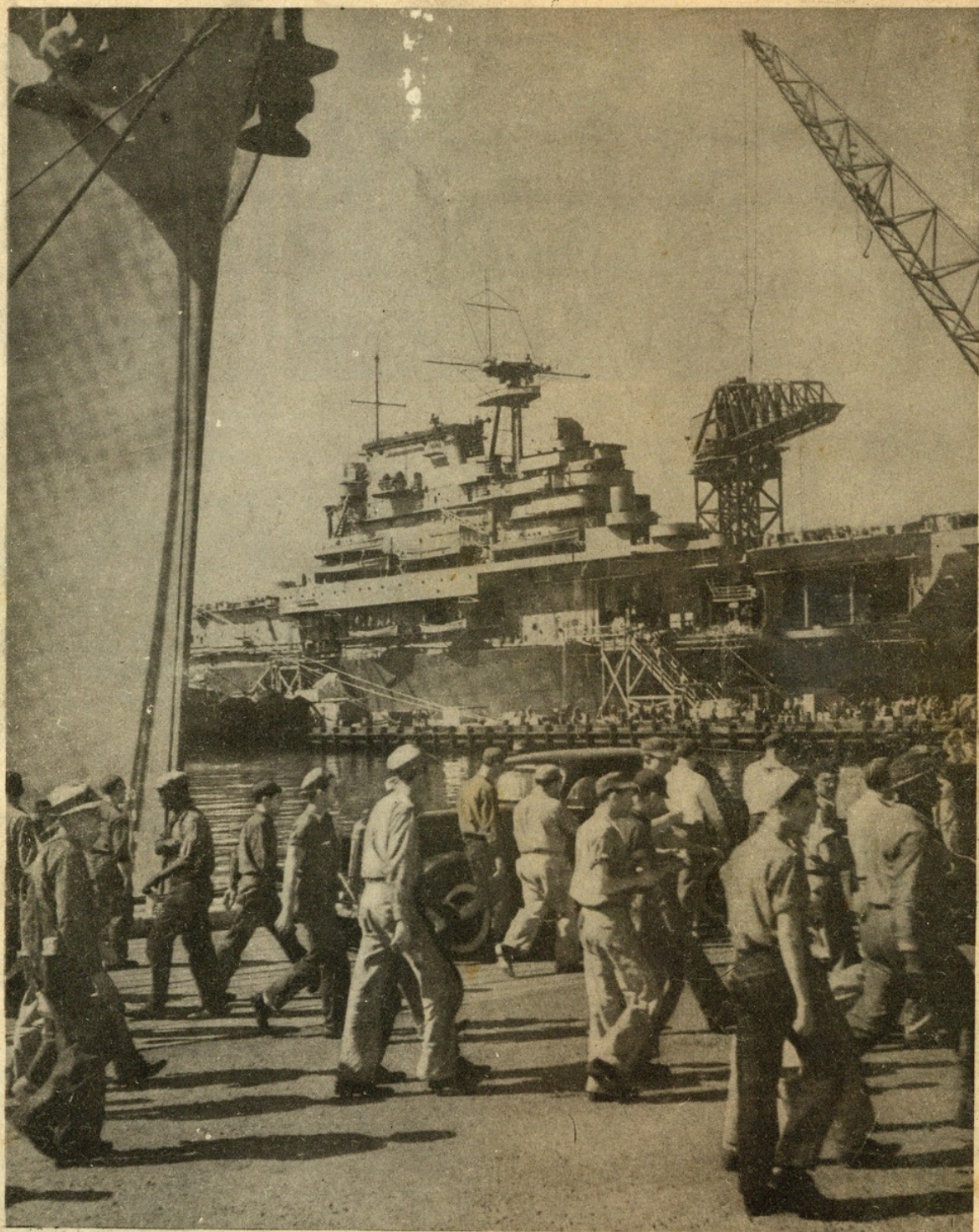
Imagens da ITALIA na guerra

EM CIMA — O general Messe, comandante do Corpo Expedicionário Italiano na Rússia, visitando as suas tropas. A DIREITA — A chegada diária do correio e das encomendas às tropas italianas avançadas num sector da frente da África do Norte.



A ESQUERDA — O Rei Imperador, Vitor Manuel condecorando a bandeira dum regimento alpino italiano com a medalha de ouro do Valor Militar. EM BAIXO — Evoluções de unidades de guerra italianas em cruzeiro de vigi-
lância no Mediterrâneo.





Os Estados Unidos
estão construindo a maior esquadra
do mundo

EM NUMEROSOS ESTALEIROS,
nas costas do Atlântico e do Paci-
fico, amolda-se em aço a mais pe-
derosa esquadra que dará aos Es-
tados Unidos a supremacia em dois
oceanos.

Vida
MUNDIAL
e a cultura